SHOWBIZ

5561/1 • ANO 12 / Nº 11 • NOVEMBRO • EDIÇÃO 136 • R$ 5,00

ESPECIAL

onze anos com Renato Russo

- o ídolo conta sua história
- a poesia que mudou o Brasil
- os últimos dias do cantor

nasce um mito

GEDDY LEE, do RUSH
"Somos como os Três Patetas"

PET SHOP BOYS no dendê

MÔNICA ARAÚJO
A Boa herança da Jovem Guarda

Tango a três:
MADONNA,
Paulo Coelho e
o presidente **Menem**

SHERYL CROW

A MAIOR REVELAÇÃO
DO POP ROCK
ESTÁ DE VOLTA.
VALEU A PENA
ESPERAR!

CD/K7

É PolyGram
A Gravadora Nº1 do Brasil.

Todo Mundo tá F*****!!

Chegou o novo disco
do Camisa de Venus.

"Quem é você" - O novo disco
da banda mais Boca-suja do Brasil,
com a participação ANIMAL de
Eric Burdon e Raimundos.

Rock'N Roll é PolyGram.

GRANDE É VOCÊ.
NÓS SÓ SOMOS 2

MIZUNO®
SERIOUS PERFORMANCE

Na Planet Music o tempo é sempre bom.

A temperatura oscila entre rap e chorinho.

Jazz e heavy metal.

Rock e bossa nova.

A mínima costuma ser de preços.

E a máxima de variedade.

Sujeito a chuva de ofertas

e pancadas de lançamentos.

Espero-se a chegada de uma

De novidades.

frente quente.

PLANET

MUSIC

We speak music.

FULL JAZZ

FORAM MAIS DO QUE 2½ SEMANAS EM ATLANTA.

A ÚNICA OBSESSÃO DELES:

Uma milha de 3 minutos, um salto com vara de 30 pés, um arremesso de três pontos direto do vestiário. Tudo isso é impossível.
Pessoas que passam o tempo todo pensando nessas coisas costumam ser agrupadas numa categoria: a dos **FANÁTICOS.**
E os fanáticos que conseguem transformar essa obsessão em algo prático são agrupados em uma outra categoria: a dos **ATLETAS.**
E aqueles que conseguem sucesso, que encontram uma maneira de fazer seu trabalho um pouquinho melhor do que já foi feito até então, redefinem o significado da palavra **POSSÍVEL** para o mundo inteiro.

NIKE-AIR®. A GENTE FAZ. E NINGUÉM MAIS.

A Nike faz calçados para atletas. Por isso esses calçados têm que ser o máximo. Não bons, não OK, não superlegais. O MÁXIMO. E, quando atingimos a perfeição, nós damos um passo atrás, olhamos bem o que fizemos, e tratamos de pensar numa maneira de fazê-lo melhor ainda do que jamais foi feito. Porque nós também somos atletas. E desprezamos solenemente o nosso próprio sucesso.

A NOSSA ÚNICA OBSESSÃO:

Este é o Air Kluch Uptempo, o tênis de basquete desenhado especialmente para atletas como Scottie Pippen. Seu sistema de amortecimento Nike-Air de máximo volume absorve os mais fortes impactos, oferecendo total estabilidade. Nunca um tênis para basquete foi feito com tanto amortecimento

AIR

AIR

Pauta

44 CHICO SCIENCE & CADÃO VOLPATO

O filósofo do manguebit engata um papo-cabeça com o ex-vocalista do grupo Fellini

48 PET SHOP BOYS

Em fase "brasileiro é tão bonzinho", o grupo conta como foi juntar a batida do Olodum com a dance music

38 RUSH

A versão mais séria e virtuosística de Os Três Patetas, numa entrevista exclusiva para o Brasil

54 OSTRAS

O trio paulista de surf music leva vacas em sessões de prancha no Guarujá

48 LITTLE QUAIL
A vida na estrada segundo o trio de rockabilly

54 MÔNICA ARAÚJO
A filha do "Bom" Eduardo Araújo quer se firmar como cantora de dance music

SEMPRE EM SHOWBIZZ

14 CANAL BIZZ
Fãs dão adeus a Renato no dia da morte do ídolo

16 BIZZES
Madonna lê Paulo Coelho e Skank festeja Rita Cadillac

60 MTV EM OFF
Programa lembra o Dia Mundial Da Luta Contra A Aids

62 ONZE PERGUNTAS
Shirley Manson, do Garbage, desafia: "Sou TODA ruiva, quer ver?"

66 PLAY
Cidade Negra, Arnaldo Antunes, Rush, White Zombie

74 REPLAY
Nirvana, Iron Maiden, Motörhead, Harry Nilsson

80 ENJOY IT
Enciclopédias musicais para você aumentar seus conhecimentos

83 TESTE
Vista sua camiseta verde-limão e responda a perguntas sobre new wave

84 + BIZZES
O ET George Clinton; Bon Scott (AC/DC) está vivo

90 DISCOTECA BÁSICA
Guto Goffi, do Barão Vermelho, recomenda *Pérola Negra*, clássico de Luiz Melodia

RICARDO SOLDEIRA

24 RENATO RUSSO

Os melhores momentos do cantor na BIZZ e depoimentos de quem o conheceu de perto

ON Dois dias antes da morte de Renato Russo, tocou o telefone na Redação. Era alguém dizendo que o Renato estava muito mal, podia morrer a qualquer momento. Acredite se quiser, mas ninguém aqui ficou surpreso.

No início dos anos 80, Renato Russo era figurinha fácil nas casas de show alternativas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ele vinha de Brasília, nossa triste capital, tentar a sorte nas grandes cidades. Em 1985 a Legião Urbana lançou seu primeiro disco, iniciando o maior culto roqueiro da nossa história.

Parece que foi em outro século, um tempo em que não havia Aids e ninguém inteligente gostaria de ser politicamente correto. A rebeldia era o abandono de todas as causas "positivas" e um mergulho em águas mórbidas.

HELIO GOMES

Felipe e Renato no apartamento de Ipanema

Renato mergulhou fundo como poucos. Só Cazuza foi tão longe na vontade de experimentar em nome da arte. No fim, ficou a sensação de que os dois foram longe demais.

Nesta edição preparamos nossa homenagem ao Renato. Fomos íntimos, éramos da mesma tribo, crescemos juntos em acordes e versos. Estamos tristes, perdemos um amigo.

Sei que este editorial deveria ser alegre, pra cima, pilhando para você ler a SHOWBIZZ. Mas Renato não era assim. Ele se levava a sério. Nós também. Revertere Ad Locum Tum, Renato.

FELIPE ZOBARAN

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

The Beatles – *White Album*
Legião Urbana – *Legião Urbana*
Roberto Correa – *Uroboro*
Björk – *Post*
Maxwell – *Maxwell's Urban Hang Suite*
Isaac Hayes – *Hot Buttered Soul*

CAPA: Ilustração sobre foto: Chico Max / Foto Marcos Prado

O MUNDO É DIFERENTE PRA QUEM VIVE COM PAIXÃO.

PICK-UP TREKKING.

Tem gente que não abre mão da paixão em tudo que faz. E foi assim que a gente fez a pick-up Trekking. Ela tem suspensão mais alta e pneus maiores, grafismos nas laterais, rodas em liga leve, capota marítima, janela traseira corrediça e, por dentro, muito conforto. Mas é na alma que ela revela todo o seu gosto pelo desafio e pela aventura. Pick-up Trekking. Uma dessas paixões da vida que não dá pra deixar passar.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

Internet: http://www.fiat.com.br

Algumas fotos são ilustrativas. Este veículo pode ser encontrado com o Fiasa Clube.

Canal Bizz

E-mail congestionado: choque com a morte de Renato Russo

Saudade...

Assim que a morte de Renato Russo foi anunciada, centenas de e-mails de fãs inconsoláveis chegaram ao nosso computador

O Renato tinha direito de ser tudo: homossexual, viciado, alcoólatra, qualquer coisa. Só não tinha o DIREITO DE MORRER. Ele representava muito para muita gente. O Renato não tinha esse direito, não tinha!!!
Maurício Silva
Gonçalvesmcag@brnet.com.br

Há dois anos moro em Madri, na Espanha e, quando fui verificar a minha correspondência na Internet, caí em depressão profunda. Eu não sou poeta, nem chego aos pés dele, mas não consigo escrever mais, é muito triste a frieza da morte do Renato. Espero que vocês façam uma reportagem à altura do que ele foi para todos nós. Um santo talvez...
Marcelo Sousa
cemel@infor.es

Hoje é um dos dias mais amargos da minha vida. Sinto um nó no estômago, uma vontade de não falar com ninguém, nunca mais. O Renato não parecia ser um doente de Aids em fase terminal... De qualquer forma, vai continuar pra sempre na memória de todos nós. Obrigado, Renato. Muito obrigado por tudo.
Keny Colares
kenycolares@netsite.com.br

Como? Será que essa é a única pergunta que passa pela minha cabeça agora? O Renato quis assim e, como disse minha mãe ao me dar consolo: "Ele já andava nas estrelas e nós pensando que ainda estava por aqui..." Obrigado, Renato, por ter escondido a sua doença de nós. Seria um sofrimento a mais.
Thiago Terrien
realpro@primenet.com

"MUSGA DE DOIDO!!!"
Eu, 24 anos, e minha mãe, 67 anos, ouvíamos *Cor De Rosa E Carvão*, o único disco de Marisa, que comprei fiado e ainda estou devendo. Minha mãe dizia: "Até quéssa musga é boa... É musga de doido!" Traduzindo: ela quer dizer que as músicas da Marisa são ótimas. Pô, fiquei emocionada. Como uma voz alcança tantas gerações? Por que sair de cena, Marisa?
Ruth Carla Michel - Acoverde, PE

Calma, Ruth. Marisa vai, mas volta. E durante o ano de férias, ela ainda deve fazer algumas aparições ocasionais. Enquanto você espera, coloque na sua lista de calotes Barulhinho Bom, *o disco e o vídeo. E divirta-se.*

QUANTO VALE O SHOW?
SHOWBIZZ com a Marisa estava ótima... Marisa: dez; R.E.M: dez; Paralamas: dez; Screaming Trees: dez; Metallica: dez; Zé Ramalho: dez; Duff: dez; Simone Soul: oito e meio (odeio esse complexo *Caras + Playboy* de vocês...).
Elisa Colepicolo - São Paulo, SP

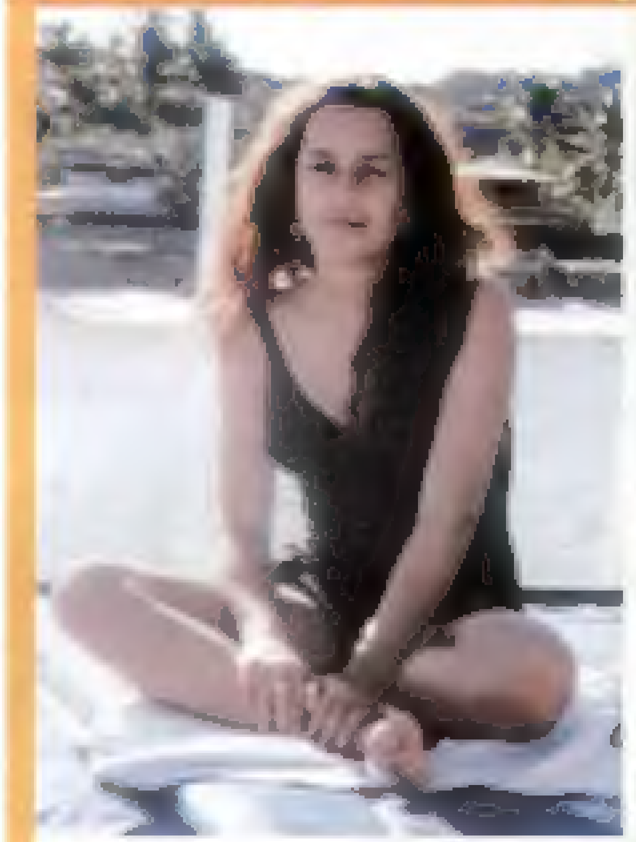
Elas QUEREM é PODER

Na SHOWBIZZ de julho, Rafael, do Baba Cósmica, lembra um festival do qual seu grupo participou: "Tinha uma banda chamada Witchcraft, só de mulher, que nego queria votar só pra... ó!" Uma vez que nós, do Witchcraft, tiramos o terceiro lugar, perguntamos: a troco de que o Baba quer denegrir a nossa imagem? Nós chegamos à final, por sermos os melhores, não por sermos filhos do vice-presidente artístico da gravadora EMI-Odeon. Chega de desrespeito com as mulheres no rock!!!
Cristina Müller – Rio de Janeiro, RJ

Você não entendeu bem, Cristina. O Rafael não disse nada que desabonasse o Witchcraft, apenas insinuou que o júri do festival tivesse motivações, digamos assim, nada desinteressadas, para votar no seu grupo. Vocês não têm culpa se fazem os homens perderem a cabeça, certo? Todo poder às mulheres do rock. E não precisa desrespeitar o Baba, que ganhou o festival sem a ajuda do pedigree do Rafael.

As meninas do Witchcraft querem a cabeça de Rafael, do Baba Cósmica

VAI QUE É SUA, RODOLFÃO...



Eu amo o Rodolfo, dos Raimundos. Ele é um tesudo e eu pago um pau animal para ele. Gostaria de ver mais reportagens dos Raimundos na revista. Ah, eu amo vocês, também.
Tatiana Diniz - São Paulo, SP

Adoro os Raimundos e... meus pais também adoram!!! Eles foram comigo ao show e conseguiram falar com eles! Minha mãe achou o Rodolfo muito simpático. Aproveito para mandar uma foto da minha avó. Ela não é uma gracinha?
Cecília Amorim - Niterói, RJ

Lindona... O Rodolfo vai adorar...

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

SEM ENGANAÇÃO
Por que, na edição de setembro, vocês publicaram uma propaganda enganosa do show do AC/DC? No dia 11 de outubro, o grupo se apresentou em Curitiba e não no Rio, como anunciado.
Melissa Sacerdote - Curitiba, PR

Vamos com calma, baby. SHOWBIZZ é finalizada um mês antes de chegar às bancas e aos assinantes. Nesse tempo em que a revista está sendo impressa, podem ocorrer alterações na programação. Aposto como os promotores da turnê, que pagaram pelo espaço publicitário, também não devem ter gostado da mudança de planos.

Na edição de setembro, Luís Antônio Giron, que só perdôo pela demonstração de total ignorância, afirma que *The Family Way* é mais um exemplo da produção erudita do ex-beatle, mas disco foi lançado há trinta anos.
Francisco Lima Jr. - Recife, PE

Chiquinho... quanto aos palavrões e o tom revoltadinho da sua carta, nós te perdoamos pela demonstração de total falta de educação. Mas vai aqui a errata: Family Way *saiu mesmo entre os álbuns* Revolver *e* Sgt. Peppers *e é a trilha sonora do filme* Lua-De-Mel Ao Meio-Dia.

PELADOS, PELADOS...
Cadê os homens peladões desse mundo? Coloquem uns machos bem gostosões na revista. E por onde anda o Nuno Bettencourt, guitarrista do Extreme?
Viviane Bittencourt - São Paulo, SP

E aí, Viviane? Pelo visto, não tem chovido muito na sua horta, né? Nem na do Extreme. O vocalista Gary Cherone saiu do grupo e foi para o Van Halen, no lugar do David Lee Roth. Mas Nuno garante que o grupo lança disco novo ano que vem.

MAX do pagode
Que desgosto ler o artigo em que Max "Batuqueiro" Cavalera diz que humilhou os caras do Slayer. O que é isso? Antes, o grupo de pagode Sepultura elogiava os mestres do Slayer. Por que agora fica falando besteira?
P.S. Não liguem para boiolas e invejosas. Continuem dando espaço para minas gostosas.
Dani Death - Caxias do Sul, RS

Max Pagodinho humilha o Slayer e cria polêmica

Fã-clubes

LEGIÃO URBANA

A Tempestade
Rua Lirambo, 21.
CEP 31150-530 – Belo Horizonte, MG

Teatre Dos Vampires
SQN 15, bloco H, apto 204.
CEP 70772-080 – Brasília, DF

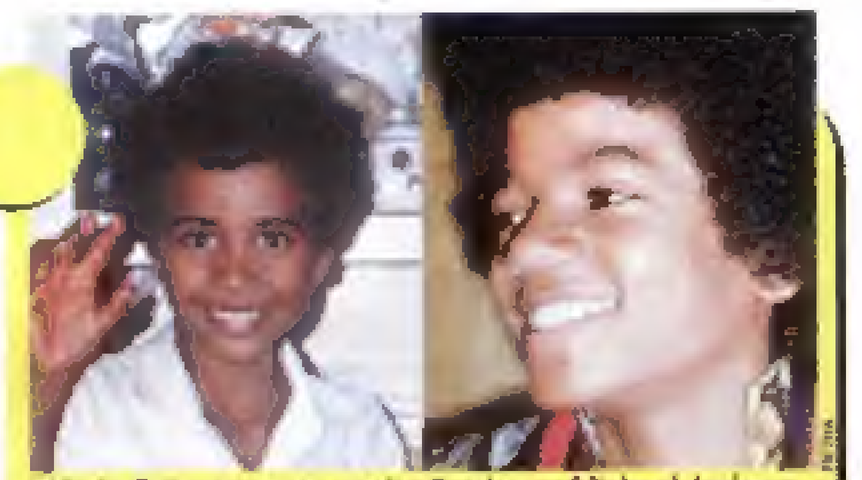
O Mundo Anda Tão Complicado
Rua Luciano Gomes, 39. CEP 41320-130 – Salvador, BA

Metal Contra As Nuvens
Rua Dr. Silveira Mello, 06.
CEP 02764-080 – São Paulo, SP

Filosofia Urbana
Caixa Postal 032007.
CEP 29150-970 – Cariacica, ES

Legião No Coração Dos Paulistas
Av. Miguel Stefano, 1973, bloco 5, apto. 101
CEP 04301-012 – São Paulo, SP

FALE COM SHOWBIZZ, É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h. Este é o seu canal na SHOWBIZZ. Sugestões, críticas, dúvidas...



Márcio Roberto e seu ex-irmão de cor Michael Jackson

PENSADOR DO MÊS

"Eu acho o *Pensador do Mês* uma bobeira, por isso mando o meu pensamento"
Márcio Roberto Custódio - São Jorge do Luai, PR

Nem vamos publicar a frase que você enviou como candidata. A daí de cima era melhor. E você parece pacas com o Michael Jackson quando ele era negro, não?

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tusd
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Claudia Gracia e Leticia Gamon
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lobes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) André Gordirro, Carlos Albuquerque, Énor Paiano, Fabian Chacur, Fernando Luna, Gastão Moreira, Ivan Mizaria, Jan Fjeld, Jotabê Medeiros, Marcelo Bernardes, Marcelo Froes, Marcelo Janot, Marcelo Orozco, Márcio Pinheiro, Marcos Smirkoff, Marcus Veras, Luís Antônio Giron, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Paulo César Martin, René Ferri, Tatiana Tavares, Thales de Menezes, Walter de Silva

(Fotos) Marcos Prado, Martin Gurten, Rui Mendes, Sérgio Saraiva, Sebastian Rojas
(Revisão) Márcia Vilaço

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Doria Casseb

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cineo Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Marot
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Maciel, Marcelo Cataldi e Rosana Pires
Contato de Agência: Marcelo Cataldi
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Roselli

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Polis
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Gatti Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zaffa

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1049, edição 136, novembro de 1996). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 807-3000, Caixa Postal 06254, CEP 05365-970, telex (011) 80178, fax (011) 867-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel. (021) 532-3013, fax (021) 532-1583/1486, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Freires, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril Assinaturas, Rua do Curtume, 769 - Lapa - CEP 05066-900 - São Paulo - **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3016, fone (011) 868.3208 (Dinap) E-mail: dinap.na@email.abril.com.br, pagando com os cartões: Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER **Fotolito:** Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional IVC

Mamãe Madonna como Evita: "Peguei Menem olhando meu sutiã"

REPRODUÇÃO DA REVISTA VANITY FAIR

Diário de uma maga

No relato escrito por Madonna durante as filmagens de *Evita*, a cantora fala mal da Argentina e cita Paulo Coelho

Madonna é só felicidade. Sua filha, Lourdes Maria Ciccone Leon, nasceu linda, dia 14 de outubro, em Los Angeles. E *Evita* chega às telas em dezembro nos EUA (no Brasil, só em fevereiro).

Mas durante as filmagens, na Argentina, a cantora passou maus momentos, como revela seu diário publicado na edição de outubro da revista *Vanity Fair*. Angustiada e infeliz, Madonna mostra-se insegura, solitária e diz claramente que odiou a terra do tango. "Esse país não é civilizado. Achei que ficaria com uma bunda gigantesca. Na Argentina não há academias, a comida é horrorosa, cheia de gordura. Eles ainda não conhecem a alimentação *low fat*."

No diário, Madonna descreve um jantar com o presidente Carlos Menem na Casa Rosada. Ele joga um caô sobre o poder da magia e ela cita um trecho de *O Alquimista*, de Paulo Coelho ('Se você quer muito alguma coisa, a Terra inteira conspira a seu favor'). Madonna diz que foi assediada por Menem. "Peguei-o olhando para a tira do meu sutiã. Ele ainda ficava me encarando... e quando nossos olhares se cruzavam, ele sustentava seus olhos sobre mim."

Titãs e filhos

Domingo de Natal

Em dezembro, *Domingo*, o último álbum dos Titãs, será relançado com embalagem especial, uma música inédita e duas remixadas. Enquanto prepara novas composições para seu próximo disco solo, Nando Reis esclarece: "O Liminha remixou 'Não Vou Dizer Nada' e 'Tudo Que Você Quiser' ganhou dois remixes, um deles meio reggae."

A música inédita é "Pela Paz", feita em 1985, de encomenda para o fim de ano da rádio Cidade. "Na época, tocou na rádio e até hoje tem gente que lembra dela e liga pedindo", recorda Nando.

Os reis da festa

Skank comemora sucesso com a chacrete Rita Cadillac

O Samba Poconé já vendeu 1,2 milhões de discos e o Skank não pára. Faz uma grande turnê pelo Nordeste em dezembro e janeiro, e toca no réveillon em Natal.

Até lá, os skankinhos vão se divertindo em festas menores, como a que aconteceu recentemente no camarim do Olympia, depois do show em São Paulo. Ingredientes do regabofe: cerveja e Rita Cadillac!!! "Pô, essa mulher iniciou a minha vida sexual. Pela televisão, é claro", confessa o baterista Haroldo. "Quando ela dava aquelas abaixadinhas rebolantes para a câmera, eu ficava maluco! Meu pai e meu avô também!", revela. A cantora do sucesso "É Bom Para O Moral" foi parar nos bastidores do Skank convidada pela própria banda, depois de uma gravação do programa *Domingo Legal*.

"Tão Seu", estourada nas rádios, vai ficar sem clip. A próxima canção a virar vídeo deve ser "Uma Partida De Futebol" – ou "Zé Trindade". Enquanto isso, Chico Amaral, letrista e saxofonista, deve dar um tempo nos shows para cuidar da família. "O ritmo está muito intenso. Ele tem conversado conosco a respeito de umas férias", conta Haroldo.

"Kurt Cobain era um bundão que tinha pena de si mesmo e deixou uma criança sem pai. Com tal atitude, ele devia ter sido capado antes que pudesse fazer filhos"

John "Podre" Lyndon, num ataque póstumo ao pai de Frances Bean

Público empurra e PEARL JAM cai

Numa recente show do Pearl Jam em Nova York, a massa promoveu o maior empurra-empurra e alguns fãs pareceram estar sendo esmagados bem na frente do palco. Quase histérico, o próprio Vedder parou tudo e ficou cinco minutos organizando o tumulto. Por fim, jurou que nunca mais tocará ao vivo se algum fã morrer durante um show seu. Desde que *No Code* saiu, no fim de setembro, o Pearl Jam caiu do primeiro para o vigésimo lugar na parada da *Billboard*.

Eddie Vedder deu uma de salva-vidas

cranberries cancela a turnê

Está cancelada a turnê de *Free To Decide*, dos cranberries. Dolores O' Riordan tem problemas de saúde e o grupo se reuniu na casa da cantora em Dingle, na Irlanda, para resolver que eles não voltam à estrada antes de 1998. Eles negam, porém, que a banda vá se dissolver e que Dolores esteja saindo em carreira solo.

A promoção que levaria um leitor de SHOWBIZZ a Paris para assistir a um show dos cranberries, obviamente, foi suspensa. Mas fique tranqüilo: o ganhador verá outro show de um grande nome internacional. Fique atento!

Dolores tá doente não vai a Paris

Sempre vivos

Paul McCartney fala de *Anthology 3* e diz que o xerox do Oasis só prova a atualidade dos Beatles

McCartney (centro): "Beatles é fantástico!"

As músicas de *Anthology 3* estão associadas a um período de tensão. Quando você as escuta, hoje em dia, sente isso?

Não. Sinto que é harmonioso. Há uma música, "Two Of Us", que tem uma atmosfera muito boa, mostrando a harmonia do trabalho em conjunto. A atmosfera podia até estar tensa, mas isso não refletiu no trabalho.

Era a época em que vocês estavam regravando antigos sucessos. Foi uma tentativa de recobrar o espírito perdido depois da morte de Brian Epstein?

É um disco diferente do *Sgt. Peppers*, porque não tínhamos a liberdade para fazer um outro álbum tão conceitual. Havia pressões do mercado.

Não seria porque é um disco de estúdio, em que vocês nem mesmo precisavam estar juntos?

Talvez. Por eu morar perto do estúdio, gravei sozinho parte das faixas. O George ficou chateado. Ele não gostava de gravar sem o baixo.

Você acha que o *Abbey Road* vendeu tanto porque é bom ou porque é um disco dos Beatles?

Não, nunca pensei assim. Para falar a verdade, mesmo parecendo arrogante, eu sempre tive a certeza de que qualquer disco dos Beatles é fantástico!

"You Never Give Me Your Money", de *Abbey Road*, é uma mensagem indireta para os outros Beatles?

A mensagem, na verdade, era para o Allen Klein (*empresário dos Beatles depois da morte de Brian Epstein*), porque foi ele quem nos dividiu.

E como ela entra em *Anthology 3*?

Usamos os primeiros takes. Gravávamos várias versões de cada música pelo prazer de criar. A maior prova de que nossas canções funcionam é que hoje existem grupos como o Oasis, que nos copiam religiosamente.

Raimundos viraram gibi e dão presente de Natal

Papai Noel é paraíba

Raimundos lançam edição limitada, promovem festa e dão presente pra você

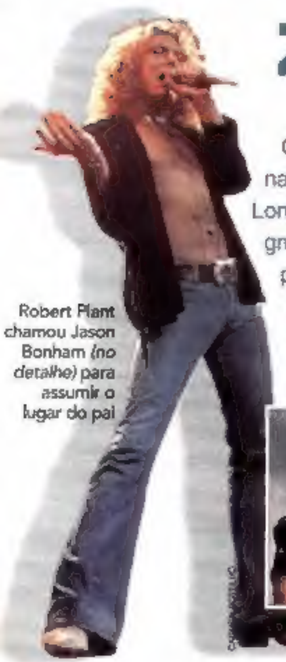
Flamenguistas, os Raimundos estão inconsoláveis com a má campanha do time no Campeonato Brasileiro. "Pô, o Flamengo virou time de boiola: agora só toma de quatro", choraminga Rodolfo. Fora do futebol, porém, a vida dos Raimundos é só alegria. As vendas e a turnê do segundo álbum *Lavô Tá Novo* ainda estão desembestadas, mas a banda já lançou seu terceiro disco. *Cesta Básica* é uma coletânea que traz as inéditas "Infeliz Natal", "A Sua" e "Papeau Nuky Doe", as covers "Merry Christmas", dos Ramones, "Bodies", dos Sex Pistols e ainda versões ao vivo para "Esporrei Na Manivela", "Bea-Bá", "Cajueiro" e "Palhas do Coqueiro".

Junto com o CD, os primeiros oito mil fãs que comprarem o disco levam uma edição especial numa caixa bacaninha com um home-vídeo e um gibi elaborado pelo cartunista Angeli. "Você viu o Rodolfo? Véio, a cara de paraíba tá igualzinha", sacaneia Digão. "É, e o tamanho da vara também!", devolve Rodolfo.

No enredo do HQ baseado na letra de "Puteiro Em João Pessoa", Digão, Canisso e Fred estão cercados de gostosas. Rodolfo pega a maior baranga. "Tinha que ser fiel ao que aconteceu realmente", explica Digão. "É isso aí! Homem que é homem pega até mulher feia", defende Canisso. Rodolfo completa: "O que interessa é que foi uma honra virar personagem do Angeli. Cara, estamos superfelizes."

PROMOÇÃO

Agora é a sua vez de abrir o sorriso. SHOWBIZZ e WEA Music vão te dar 60 caixas de *Cesta Básica*. Cinqüenta serão entregues pelo Correio e dez você receberá direto das mãos dos Raimundos numa festa-puteiro-de-natal que acontece em dezembro, em São Paulo. Para se dar bem escreva pra cá (até dia 06 de dezembro) e responda: Você acredita em Papai Noel? As dez respostas mais *da molesta* dos leitores de São Paulo ganham a caixa e vão à festa. As outras cinqüenta levam a caixa. SHOWBIZZ - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP.



Robert Plant chamou Jason Bonham *(no detalhe)* para assumir o lugar do pai

Zeppelin planeja volta

O Led Zeppelin planeja uma volta sensacional: um grande show no Knebworth Park, em Londres, palco de uma histórica performance do grupo em 1979. O show em homenagem ao empresário Peter Grant, morto no ano passado, contará com as presenças de Jimmy Page, Robert Plant e do baixista e tecladista John Paul Jones. O lugar do baterista John Bonham, que morreu em1980, será ocupado por seu filho, o também batera Jason Bonham. Até agora a data do show ainda não foi confirmada, mas deve acontecer entre os meses de julho e agosto.

Phil Collins não topa tudo por dinheiro

Cheio da grana

Lançando seu novo disco, *Dance Into The Light*, Phil Collins recusou 3 milhões de dólares para fazer uma apresentação particular ao Sultão do Brunei, o homem mais rico do mundo, que já conferiu com exclusividade shows de Michael Jackson e Sting. "Não sou macaco de circo", diz o carequinha. E nem precisa da grana. Phil é dono de uma fortuna de 173 milhões de dólares. Atualmente mora na mansão do ex-campeão de Fórmula 1 Jackie Stewart, na Suíça, e esbanja: "Não gosto do meu dinheiro e não preciso poupá-lo."

Ronaldo no ATAQUE

O goleiro-cantor grava disco com produção de titã

Charles Gavin e Ronaldo no estúdio Mosh, em SP

O goleiro corinthiano Ronaldo está escalado como o baterista do titã Charles Gavin no estúdio Mosh, em São Paulo, cantando no primeiro disco dos Ronaldo e Os Impedidos, produzido por Charles, e que será lançado até dezembro pela gravadora Castle. Ronaldo passou a cantar quando foi a um show de Bruce Dickinson. "Lá, recebi um convite para gravar 'Little Sister', do Elvis, na rádio", lembra. "A música fez sucesso, mas ninguém acreditava que era eu. Nem a minha mãe!!!" O corinthiano Charles ouviu, apostou e gostou. "Ele evoluiu muito no estúdio. Ronaldo está cantando superbem, as pessoas vão se surpreender", avaliza.

O repertório do álbum conta com dez composições próprias e quatro versões: "Fazendo Musica, Jogando Bola" (Pepeu Gomes), "Proud Mary" (Creedence), "Little Sister" (Elvis) e "Rockaxe" (Raul Seixas). "Estou otimista. Rock não tem torcida, até os palmeirenses vão gostar", aposta. (F.C.)

Sinais de fumaça

Sente a trip durante a turnê do Sepultura com Type O' Negative e Ozzy Osbourne, pelo Texas, nos [illegible]. Os brasileiros foram acompanhados pelo repórter doidão da revista maconheira *High Times*. Atordoado, ele não descobriu muita coisa. "Pô, eles só conversam em Português", choraminga. Max, que não gosta de erva, ficou de fora do papo, mas Andreas abriu o jogo: fala do apitaço carioca e de uma nova música. "Chama-se 'Jasco', que é uma das gírias usadas para erva no Brasil." Feita em maio, a reportagem está na *High Times* de outubro, quando foi lançado nos EUA, uma edição especial de *Chaos A.D.*, de 1993, com quatro faixas bônus.

Andreas ao lado da revista doidona *High Times*

Mataram os Smiths

Supergrass: atirando pra todo lado

O Supergrass e outras nove bandas inglesas estão lançando um álbum em comemoração aos dez anos do disco *The Queen Is Dead*, dos Smiths. Em *The Smiths Is Dead*, as covers entrarão na mesma ordem da bolacha original. Enquanto isso, Morrissey, ex-vocalista do Smiths, prepara a turnê que fará por Japão, Austrália e Europa, em 1997. Depois entra em estúdio e lança novo trabalho no final do ano que vem.

cheia de love pra dar

Courtney quer virar boa moça, mas não deixa a memória de Kurt em paz

Divulgando seu novo trabalho, o filme *The People Vs Larry Flint*, Courtney Love declarou, surpreendentemente, que é a culpada pela morte de Kurt Cobain. "Um pouco antes da tragédia, telefonei para ele e o acusei de ter deixado Frances cair do seu colo. Mas o bebê nem tinha se machucado! Eu fui má. E acredito que essa foi a principal razão do suicídio", delira chorosa.

O mea-culpa porém não acalmou a língua afiada da viúva. Disse à revista *RIP* que o líder do Foo Fighters e ex-baterista do Nirvana, Dave Grohl, nunca gostou de Kurt. "Eu não dou a mínima se ele não quer falar sobre Kurt. Ele não tem mesmo nada para dizer." E lamenta que seu melhor amigo, o guitarrista do Foo Fighters Pat Smear, esteja na banda de Dave. "Nós adoramos e sinto saudades dele, sabe?"

Cheia de amor pra dar, Courtney quer mesmo virar uma boa moça e se casar com o ator Edward Norton, que conheceu nas filmagens de *The People*.... Os planos da ex-loura também incluem ter outro filho. "Minha vida se transformou numa novela e sei que os americanos querem me ver morta. Admito que sou rebelde e louca. Preciso mudar.", finaliza.

DAY STREETS.
STREET

fica o amor...

Ao morrer, à 1h15 da madrugada de 11 de outubro de 1996 Renato Manfredini Júnior, 36 anos, era o maior ídolo do rock e da música pop do país. Vítima de broncopneumopatia, septicemia e infecção urinária – consequências da Aids –, o compositor e cantor que mais emocionou os jovens brasileiros nos últimos tempos se foi depois de ter vivido seis anos como portador do vírus HIV (a síndrome, contudo, só se manifestou este ano). O derradeiro disco, *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias*, ficou como despedida incompleta. »

"Quem me dera, ao menos uma vez, como a 'mais bela' dos mais belos índios
Não ser atacado por ser inocente
Eu quis o perigo e até sangrei sozinho
Entenda - assim pude trazer você
de volta pra mim"

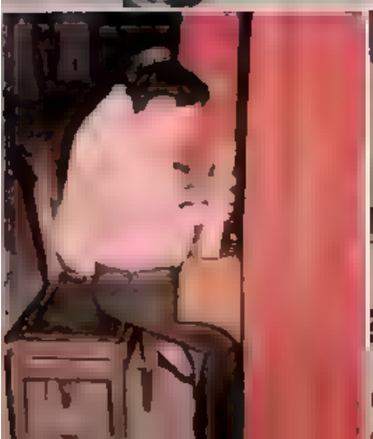
"Índios"

E não só porque 13 faixas acabaram ficando de fora (e devem ser lançadas, mais tarde, em um novo álbum, póstumo). Renato nem chegou a terminar de gravar os vocais do trabalho, que saiu com as vozes-guia, espécie de rascunho, em várias canções. Deprimido depois de uma desilusão amorosa ocorrida em 1995, ele se desgastou demais nas sessões de estúdio, acontecidas entre janeiro e julho. Renato também não pôde levar à frente os planos de compor uma ópera junto com o tecladista Carlos Trilha, a partir do romance "Bom Crioulo" (publicado há exatamente um século e saudado na França como "primeira narrativa autenticamente homossexual"), do escritor cearense Adolfo Caminha (1867-1897).

"Eu posso estar sozinho, mas eu sei muito bem aonde estou..." O chega-pra-lá da letra de "Será" passava pela cabeça de Renato quando, já fisicamente abatido, ele vivia recluso em seu apartamento, enquanto boatos sobre sua saúde circulavam. "Eu quero que essas pessoas que se preocupam comigo vão às favas; que elas se preocupem com a minha música. Se alguma coisa vai ficar, vai ser a minha música. Se estou bem ou estou mal, vá tomar no...!", vociferava ele, à medida que abandonava rituais sagrados como o de ir pelas manhãs até o restaurante da esquina, chamado Paz & Amor, tomar o seu Cointreauzinho.

A música de Renato ficou. Ele não se considerava poeta e, em depoimento à Bizz sobre a história da Legião, em 1989, chegou a modestamente dizer: "Pessoalmente, acho que não escrevo muito bem." Desprezando métrica e ritmo, seus melhores versos sempre seguiram, acima de tudo, a poética da ética. Na política, no amor, entre pais e filhos, meninas e meninos, gerações e nações... Em seus mais iluminados momentos, mesmo quando carregados de raiva, as palavras de Renato estão norteadas por um sentido de Amor maiúsculo, maior, espiritual... Em dias como os de hoje, não há idéia mais transgressora e corajosa. »

A entrega de Renato Russo no palco era total



"Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez –
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos burgueses sem religião"

"Geração Coca-Cola"

Juninho, como era chamado o filho de Dr. Renato e Dona Maria do Carmo, queixou-se: "Mãe, so fui feliz na infancia.. "

JUNINHO

Carioca da Ilha do Governador, filho de pai economista, funcionario do Banco do Brasil e de mãe professora, ele aprendeu inglês desde pequeno, quando morou, dos sete aos dez anos, em Nova York. Nova transferencia do pai levou o menino, já com 13 anos, a Brasília que tanto marcou sua música. A adolescência foi traumática: entre os 15 e os 17 anos, enfrentou várias operações e viveu entre a cama e a cadeira de rodas combatendo uma doença óssea rara chamada epifisiólise. "Mãe, só fui feliz na infância" chorou para Dona Maria do Carmo, já no fim da vida. O pai, Renato, de 71 anos, foi quem cuidou do cantor em seu apartamento na rua Nascimento Silva, em Ipanema, durante os dois ultimos meses de vida. Russo sempre fez questão de repetir o quanto eram maravilhosos seus pais.

O sobrenome artístico, mais do que uma homenagem ao filósofo suiço Jean-Jacques Rousseau, ao pintor *naif* francês Henri Rousseau e ao filósofo inglês Bertrand Russell, era uma referência a uma fantasia rock & roll de Juninho, que se imaginava numa banda na pele de um personagem fictício chamado Eric Russell. Antes de viver o sonho, porém, Renato foi professor de inglês, programador de rádio (de jazz e muzak, durante pouquíssimo tempo), cursou formalismo e até tentou a carreira de repórter – num certo *Jornal Do Feira*, especializado em agropecuaria.

ABORTO ELÉTRICO

Renato Russo, na BIZZ, em abril de 1989:

"De 1976 a 1978, eu ouvia muito rock progressivo. Aí o progressivo acabou. O Rick Wakeman saiu do Yes, o Robert Fripp acabou com o King Crimson, o Peter Gabriel saiu do Genesis. Comecei a ouvir anos 60 - Beach Boys, Jefferson Airplane, Bob Dylan - e descobri uma porção de coisas que não conhecia. Foi quando comecei a ouvir Leonard Cohen. Aí os jornais começaram a falar mal de toda essa gente, chamando-os de velhos e apontando os Pistols. Isso começou a me interessar, porque eu ficava curioso: 'Quem são? Falam tão bem! Vamos ver o que é?' Um tempo depois, lançaram no Brasil a coletânea *Pop Apresenta O Punk Rock*, Television (1º LP, *Marquee Moon*), Clash (*The Clash*) e Eddie And The Hot Rods. Eu já sabia sobre as bandas de cor, mas ainda não tinha conseguido os discos. Um outro professor de inglês foi pra lá e trouxe uns discos. Ele trouxe um livro cor-de-rosa que falava dos primeiros punks com foto e tudo... Era dali que eu tirava meus modelos - usava um grampo aqui na boca, outro na bochecha. Eu furava de verdade! As pessoas ficavam horrorizadas! E também, os primeiros discos do Sham 69. Bem, aí tinha o Fê (*Lemos, que depois tocaria bateria no Capital Inicial*), que estudava na Cultura Inglesa e tinha voltado da Inglaterra E Sex Pistols daqui, Sex Pistols dali... Até que pintou o dia em que eu estava na Taberna e veio descendo um punk, um Sid Vicious loiro – era o André Pretórius. Cheguei nele e a primeira coisa que falei foi: 'Você gosta dos Sex Pistols?' E ele: 'Sex Pistols' Yeah! Jóia!' E começamos a trocar informações. Isso já devia ser 1978. Então, bem, 'vamos formar uma banda?' 'Vamos!' Aí formamos o Aborto Elétrico - ele tocava guitarra e eu, baixo." »

Renato cantando e tocando baixo em Brasília, nos tempos de Aborto Elétrico

No número zero da BIZZ, Renato Russo já estava presente. Em meia página, com quatro fotinhos, mostrávamos o *making of* do clip de "Será", publicando a letra do futuro clássico. Daí em diante, convivemos com Renato durante 11 anos, ao longo de inúmeras entrevistas, reportagens, resenhas de discos e shows, pôsters etc. Na primeira eleição de melhores do ano entre os críticos da revista, no fim de 1985, a Legião venceu nas categorias melhor grupo nacional e melhor LP nacional, cabendo a Renato superar Tim Maia e Paulo Ricardo como melhor vocalista. Na votação dos leitores, ainda não tão popular, o grupo ganhou apenas com "Será", escolhida melhor música brasileira do ano. Adivinhe quem veio para tocar na festa de aniversário da BIZZ, em 1986, no Mistura Fina, no Rio? A Legião. A partir daquele ano, Renato foi eleito melhor letrista mais seis vezes (uma só pela crítica) e melhor vocalista outras nove vezes (seis pelo voto dos leitores)

"Eu posso estar sozinho
Mas eu sei muito bem
aonde estou"
"Será"

POR QUE LEGIÃO URBANA?

Renato Russo, na BIZZ em maio de 1989:

"Por causa da turma e porque éramos da cidade. Eu sempre inventava nomes para a turma. Era para ser Organização do Desespero, O.D. Mas aí as pessoas falaram: 'Pô, Renato! Que nada! A gente não é dessa turma!' Depois foi Sociedade Pré-Cambriana. Não deu certo e a organização virou desorganização. Sempre gostei de tchurma. Desde pequeno eu era ligado em filmes de tchurmas e, aí, armei a turma. Eu era muito pentelho – juntava as pessoas, tipo 'o que vamos fazer hoje, vamos mudar o mundo', e não-sei-o-quê. Eu era uma espécie de catalizador. Várias pessoas eram, mas eu insistia muito nisso."

A Legião Urbana decolando para o sucesso

GÊNIO DESDE O INÍCIO

José Emílio Rondeau, correspondente internacional de SHOWBIZZ, teve a honra de produzir o primeiro disco da Legião Urbana marco histórico do rock nacional que traz os clássicos "Será", "Geração Coca-Cola" e "Ainda É Cedo". E ele quem lembra.

Juninho podia ser genioso, mas, sobretudo era genial. E prodigioso. Nos meses de inverno que passamos trancados nos estúdios da EMI-Odeon pude ver em ação um dos maiores talentos rock da história do gênero no Brasil" diria um dos dois maiores, o outro sendo Arnaldo Baptista. E que privilegio

Polaróides do inverno de 1984

* Renato botando as duas vozes de "Geração Coca-Cola" em duas únicas passagens, após arrastadas semanas em busca do arranjo ideal, enquanto Fernanda na época empresária da banda me olhava com uma cara de delete, como se dissesse mas ele não é foda?" Aparentemente sem esforço, Renato havia acabado de criar, al., na minha frente, vocais que ficam entre os três maiores clássicos do rock brasileiro

* Madrugada, a chuva começando a cair no estacionamento, Renato filosofando traçando seu futuro, e eu perguntando a ele o que ele mais queria, achando que responderia algo profundo ou artístico. E ele me olha e me desconcerta com a resposta "Grana. Muita grana". Típico Renato.

* Renato decidindo, na última hora acrescentar um violão em "Baader-Meinhoff Blues", quando o disco já estava em fase final de mixagem. O técnico de som Amaro Moço monta um banquinho e um microfone num cubículo anexo ao estúdio, e Renato sai tocando. Gravando. Acaba a música e Renato continua tocando, adicionando um tema quase caipira que vira a faixa pelo avesso e surpreende todo mundo

* Renato criando sozinho, no sintetizador e na bateria eletrônica, uma música - na verdade, não mais que um tema instrumental - que fascinou todo mundo na gravadora a ponto de se considerar seriamente a possibilidade de lançá-la como o primeiro compacto da banda. A música jamais foi terminada, e só ressurgiu abrindo o álbum seguinte do Legião, transmutada para acomodar guitarras e uma levada mais rock

Brigamos muito (mais por culpa do meu temperamento), mas fica a gratidão a Juninho e a Dado, Negrete e Bonfá por alguns dos meses mais divertidos - e instrutivos - da minha vida. »

Já no primeiro disco da Legião Urbana, Renato deixou impressa sua genialidade

"Eu tenho minha emotividade ligada ao fato de ser homossexual, é uma questão espiritual eu me sentir atraído por pessoas do mesmo sexo"

Interview, em agosto de 1991

SEXO, DROGAS... E DOR

A condição de soropositivo foi praticamente o único segredo que Renato guardou para si. A coragem que sempre demonstrou ao falar em público sobre suas posições e sua vida pessoal era de herói. Já em 1987, em matéria publicada em Contigo!, cujo subtítulo dizia "Feio e exibido, o roqueiro mais amado...", ele atacava: "Dizem que o rock tomou o espaço da MPB. Mas esquecem que a MPB não segurou a peteca. Chico Buarque e Milton, por exemplo, há muito não apresentam música nova."

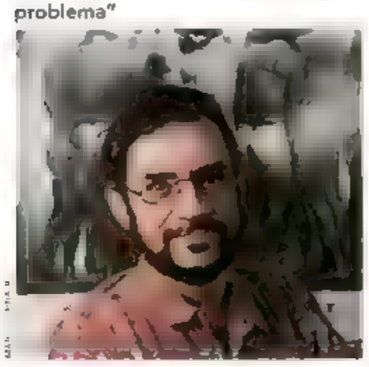
Em 1990, depois de ter gravado a música "Meninos E Meninas", assumiu a homossexualidade em entrevista a José Augusto Lemos, na BIZZ. "Eu não fui à Nova York para ver Cats na Broadway! Basicamente o que eu fui fazer lá – e em São Francisco – foi entrar em contato com Christopher Street e com Castro (famosos redutos gays). Eu estava precisando me assumir há muito tempo... mas fica aquela coisa, filho de católico, 'você é doente' etc, etc. No meio do caminho eu já estava pensando: 'Pô, eu sou um cara tão legal, eu não posso ser doente. E eu sei que sou assim desde que eu me lembro, desde os três, quatro anos... Eu sempre gostei de meninos – eu gosto de meninas também –, mas eu gosto de MENINOS. Eu já sabia disso. Então, lá foi assim, o que se chama de *coming out*."

Antes de sair do armário, porém, tinha namorado atrizes como Denise Bandeira e Carla Camurati – e sido pai de Giuliano (nascido em 1989, de uma relação fugaz com uma modelo – que, segundo contava Renato, morreu em um acidente de carro pouco depois). Em 1994, fez do título de seu primeiro disco solo, *The Stonewall Celebration Concert*, uma homenagem ao ativismo gay. Foi ainda mais longe, revelando que teve o primeiro caso homossexual com um primo, aos nove anos de idade. "Aos quatro anos, eu não brincava de médico com meninas. Queria era ver como eram os piruzinhos dos meninos." Em fases de depressão viveu o que chamou de "decadência absoluta", "ficava dias e dias com cinco, seis meninos em casa".

Em sua última entrevista, publicada em agosto pelo tablóide *International Magazine*, declarou, divertido: "Não quero mais fazer ativismo gay. Na minha cabeça, quem precisa de ajuda são os heterossexuais. Meu novo mote é: 'No dia em que os heteros pintarem algo como a Capela Sistina, o mundo terá um pouco mais de paz.' O que seria do mundo sem viado?"

Sensível e com uma vida sentimental conturbada, o homem que escrevia lindas canções de amor jamais conseguiu concretizar numa relação mais duradoura seus ideais românticos.

A condição de alcoólatra e problemas com drogas o levaram a sofrer ainda mais. Mesmo assim, Renato deixou que os dois assuntos fossem abertamente abordados em entrevistas. Do primeiro porre – "de vinho Chapinha", quando Sid Vicious, dos Sex Pistols, morreu, em 1979 – em diante, ele foi fundo em outras viagens. À revista *Marie Claire*, contou, em janeiro de 1995: "De tudo que usei, o pior foi álcool e tranqüilizantes. Heroína foi horroroso, mas só consumi por um mês e meio, junto com o Scott (*o americano Robert Scott Hickmon, possivelmente o grande amor de Renato, inspirador de muitas das canções da Legião*). Não posso dizer que foi ruim. Na verdade, foi péssimo. Tudo que é droga é ruim." »



Renato Russo debochava: "Os heteros é que tem problema"

Renato identificava-se com almas torturadas do rock: sua performance de palco (ao lado) tinha muitas referências de Ian Curtis, do Joy Division

"Tudo acontecia porque eu me identificava com todos esses párias – Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison... os loucos em geral. Hoje em dia, eu sei que isso não é legal."

BIZZ, em maio de 1989

"MEUS DIÁLOGOS COM AGATHA CHRISTIE"

Mais do que qualquer outro jornalista, Marcelo Fróes, editor do tabloide carioca *International Magazine*, teve o privilegio de conviver com Renato Russo em seu último ano de vida

Renato Russo entre seus livros e discos, no apartamento da rua Nascimento e Silva, em Ipanema

Renato era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones. O mundo pode ter visto nele um rebelde agressivo, um poeta inconformado e um homem sofrido. Mas algumas pessoas tiveram a chance de conhecer uma figura das mais doces e frageis. Por uma dessas inexplicáveis armações do destino, fui uma delas.

A primeira vez que vi Renato foi num show da Legião no Rio – Noites Cariocas, maio de 1985 –, com abertura do Capital Inicial. Confesso que naquela época "Musica Urbana" me interessava mais que "Geração Coca-Cola". Renato só me chamou a atenção quando o vi tietando os Beach Boys no saguão de um hotel no Rio, durante a Eco 92. Enciclopédia ambulante do rock que ali se revelava um humilde fã, Renato surgiu como opção ideal para um papo sobre Beatles quando a EMI topou bancar uma viagem de pesquisa a Londres para um livro sobre o quarteto de Liverpool que publiquei com Ricardo Pugialli em 1992. A Legião ensaiava no estúdio da gravadora em Botafogo, quando fomos buscar nossas passagens. Renato vibrou com o projeto e deu algumas dicas de perguntas. Achei que nunca mais o veria..

Dois anos depois, quando Marcos Petrillo me convidou para encarar a profissionalização do *International Magazine*, conversamos sobre uma grande entrevista para marcar a nova fase. Ele sonhava com Renato Russo e ao mesmo tempo achava que seria impossível convencê-lo a falar. Liguei para a secretária dele e expliquei quem era, para ver se ele lembrava. Desliguei achando que ela não daria retorno. Não deu mesmo. Quem retornou a ligação foi o próprio Renato, querendo saber em que poderia ser útil. Marcamos a entrevista para a tarde seguinte, às cinco, em seu apartamento na rua Nascimento e Silva, em Ipanema. Cheguei na hora, toquei o interfone e ninguém respondeu. Quinze minutos depois, parou um táxi e Renato desceu, já gritando: "Desculpa!" Subimos e falamos por três horas. Alguns meses depois de ter recebido o jornal, Renato nos ligou do Discover Studio elogiando e dizendo ter ficado muito satisfeito com a formatação da entrevista, enorme. Um alívio.

Nasceu dali uma amizade que infelizmente demorei a perceber. Reencontrei Renato no Prêmio Sharp, conversando com Jerry Adriani no saguão do Teatro Municipal. A partir daí, ele me ligava uma ou duas vezes por mês. Eu tentava convencê-lo a fazer shows – com ou sem a Legião –, chegando a perguntar se ele toparia ser vocalista de uma segunda apresentação sinfônica de George Martin no Brasil. Com inglês impecável e repertório dos Beatles na ponta da língua, Renato me surpreendeu ao aceitar a idéia. Recomendou que o assunto fosse tratado com seu empresário e disse que o avisaria de seu interesse. Quando fui visitar Martin na Abbey Road em maio de 1995, o presenteei o com uma cópia de *Stonewall Celebration Concert*. Tão logo voltei, recebi um fax em que o produtor dos Beatles elogiava Renato: "He sings beautifully." Tirei cópia e levei pessoalmente a Renato, junto com o CD do Gene que ele havia me encomendado.

Senti que aquilo realmente o tocou, muito embora a idéia de trazer Martin novamente ao Brasil tivesse ido ralo abaixo depois que o maestro anunciou sua aposentadoria. Renato ficou admirando o fax antes de guardá-lo em seu quarto, voltando com o anúncio de que faríamos "uma troca de amigo". Deu-me três CDs – *Crown Of Creation*, do Jefferson Airplane, *Get Happy*, de Elvis Costello, e *Bad Co.*, do Bad Company –, dizendo: "Você precisa ouvir outras coisas além de Beatles e Beach Boys!" Estes discos vão ficar para sempre juntos em minha estante, ao lado de uma cópia em VHS do videolaser *The Making Of 'A Hard Day's Night'*, que Renato acabara de adquirir e me copiara. Conversamos sobre a cena roqueira inglesa e acabamos na brasileira, com Renato declarando-me sua paixão pelo Pato Fu: "A Fernanda é uma gata."

Renato raramente demonstrava tristeza, apenas comentava uma recaída como justificativa para um sumiço ou outro. Pegou meus dados para fazer mapa astral e ligou-me em seguida, com o resultado do trabalho. Aquela demonstração de amizade gratuita me deixava sem graça: afinal, apesar de eu ter seu número de telefone desde o início, ainda me sentia culpado quando pensava em ligar para ele. Poderia pensar que eu estava atras de uma nova entrevista, sei lá. Mas nunca precisei pedir. Tive a oportunidade de ouvir *Equilibrio Distante* em primeira mão, dia 20 de setembro de 1995. Em seguida, fiz nova exclusiva, jamais publicada na íntegra, tamanha a informalidade do papo, que rolou a tarde inteira na sala de som de Renato.

Quando comentei que faria uma viagem de fã a Nova York em novembro, junto com um amigo, para acompanhar o lançamento do *Anthology* dos Beatles, e para vasculhar os sebos e lojas de discos de Manhattan, Renato comentou: "Legal, talvez eu entre numa dessas." Acabou não indo, pois a Legião já estava trabalhando na pré-produção do novo álbum.

Renato Russo na entrega do Prêmio Sharp, no Municipal (RJ), em 1994

O ano de 1996 representou uma virada. Com o passar das semanas, Renato foi revelando-se cada vez mais cansado e deprimido. Mas me surpreendeu quando me convidou para seu aniversário, em março último. Poucas pessoas estavam presentes, o que eu estava fazendo ali com minha noiva? Renato demonstrava »

"Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesas agora"

"Tempo Perdido"

"Meu amor, disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza, ter bondade é ter coragem"

"Há Tempos"

"...e obrigado por pensar em mim"

"A Via Láctea"

tansaço, mas estava lúcido como sempre, preocupando-se em nos apresentar aos outros convidados.

Nos meses seguintes, seus telefonemas, que antes sempre rolavam à tarde, começaram a pipocar madrugada adentro. O novo disco o deixava inseguro, tinha medo de que as pessoas não o entendessem. Mas, de qualquer maneira disse que tão logo o trabalho estivesse ruxado, eu seria convidado a ouvi-lo: "Você tem entrevista com a Legião na hora que quiser."

Madrugada de 4 de julho. O telefone toca. 5h20 da manhã e o dia está clareando. É Renato. "O que você está fazendo?" Penso rápido: "Bem, eu estava me preparando para dormir... pois amanhã tenho que acordar bem cedo!" Ele não entende. "Puxa, que pena, eu estou com o novo disco aqui prontinho e queria te convidar para vir aqui ouvi-lo em primeira audição mundial." Expliquei o drama e ele entendeu. No sábado dia 6, estou com o pé no elevador quando o telefone toca: "Você não pode vir agora?" Eu não podia, mas acabei podendo. E não me arrependi.

"Você precisa entender que será a única pessoa no mundo a ter uma entrevista comigo a respeito desse disco", foi logo avisando. "Dê ao público a impressão de que você subiu numa montanha atrás do Pé Grande e conseguiu entrevistá-lo. Não quero falar com ninguém e sei que as pessoas estão incomodadas com isso."

Foi uma hora de conversa gravada. Enquanto o DAT rolava alto, Renato cochilava na cadeira. Vez ou outra, abria os olhos e perguntava: "E aí?" Ao partir, fui levado até a porta pela frágil figura de barba espessa. Um aperto de mãos e um olhar triste. Um abraço inevitável e o comentário sarcástico para quebrar o clima. "Poxa, essa história de casamento em dezembro está te fazendo engordar."

Exatamente um mês depois, o telefone toca. Renato estava com o disco pronto, masterizado pelos companheiros de Legião em Nova York. Chegando a sua casa, fui conduzido pelo empregado à sala de som, onde Renato ouvia The Jesus & Mary Chain. Batemos um papo, ele pergunta pelos preparativos do meu casamento e se diz satisfeito ao ver que pelo menos um amigo dele vivia bem em companhia dos pais. Depois me entrega a fita, explica que está cansado e que tem de sair com uma tia, a senhora sentada no sofá ao lado. Hoje imagino que aquela senhora fosse sua enfermeira e que o compromisso fosse voltar para a cama.

Em meados de setembro, estive na EMI e peguei uma cópia do single promocional de "A Via Láctea". Dois dias depois, Renato me liga. Falo sobre o single e ele estranha. "Que single?" Ora vejam, Marcelo Froes com o CD nas mãos antes de mim! Como é a capa?" Dia 20, peguei o álbum *A Tempestade* na EMI. Foi emocionante.

Uma semana depois, domingo, o telefone toca ao cair da noite. "Oi, Marcelo!" Falamos sobre o novo disco, sobre a matéria do IM e sobre uma entrevista com Lou Reed que eu fizera. Renato está cansado, mas vibra ao comentar os primeiros resultados do disco. Antes de desligar, convido: "Em dezembro a gente vai se ver no meu casamento." "Ainda É Cedo pra dizer se vou poder ir", corta. "Mas a gente vai se vendo quem sabe para ouvir um som."

Vou sentir muita falta desse cara. Vou sentir muita falta de seus telefonemas, sempre surpreendentes. Certa vez, ele sugeriu: "Você devera gravar estas conversas. Poderiam ser úteis... para um livro tipo 'Meus Diálogos Com Agatha Christie' ou coisa parecida." Não lamento nunca ter gravado nossas conversas, mas admito que uma vez liguei só para gravar sua mensagem de secretária eletrônica. "Deixe seu recado após o sinal – se é assunto de trabalho, ligue para..." Nunca liguei para o outro número, muito embora tenha demorado a sentir-me livre da preocupação de estar "trabalhando" quando ligava para Renato. Acho que demorei demais para perceber sua amizade.

Renato Russo e as flores que tanto amava, num show em Campinas, lançando *As Quatro Estações*

RUSH

Patetas a sério

O trio mais cerebral do mundo volta com senso de humor e o engenheiro de som do Nirvana

Os seis patetas (no detalhe) Alex Lifeson, Neil Peart e Geddy Lee

No lobby de encher os olhos do cinco estrelas Four Seasons, no coração de Manhattan, a assessora de imprensa da gravadora BMG-Ariola se desmancha quando o assunto é Geddy Lee. "Eu o conhecia de fotos, mas não podia imaginar que ele fosse tão bonito assim, nem tão inteligente", diz, seduzida. (*Nota da Redação: !!!!!! Há quem diga que ele é uma mistura exata de Maria Bethania com o ator James Woods!*)

Vinte minutos depois e trinta andares acima no arranha-céu amarronzado em que Mick Jagger, Demi Moore e Arnold Schwarzenegger costumam chamar de "casa", o repórter encontra a alma do Rush de costas.

O curioso é que o mistério vem a combinar. Quem será esta criatura incólume, que não se vira nem para dar um alô? Cruzada a suíte, lá está ele de frente: sorriso aberto e óculos roxo. Surpresa. Geddy Lee é exatamente igual ao Gary Oldman que perambula pelas ruas de Londres no filme *Drácula De Bram Stoker*. Os óculos poderiam ter saído da mesma loja. Mas Geddy Lee, 43 anos, parece ser bem mais velho que o ator inglês.

Recentemente, o baixista virou papai mais uma vez. Por isso, o novo CD *Test For Echo* (o décimo-sexto álbum de estúdio do Rush, dessa vez com Andy Wallace – o mesmo engenheiro de som de *Nevermind*, do Nirvana – na técnica) demorou dois anos e meio para ser lançado. *Counterparts*, o penúltimo trabalho, saiu em 1993. "Assumo a »

culpa pela demora. Minha mulher e eu tivemos uma nova garotinha. Eu fiz todo aquele trabalho de mamadeira, fraldas etc. Nesse tempo, Alex *(o guitarrista Alex Lifeson)* e Neil *(o baterista Neil Peart)* meio que viraram família também e foi muito difícil tirar esses caras de casa. Pode acreditar, demorou quase três anos", explica, às gargalhadas. As férias renderam bastante para Alex e Neil: o guitarrista aproveitou para gravar seu projeto solo *Victor* e o baterista produziu o álbum *Burning For Buddy*, em homenagem a Buddy Rich, gigante das baquetas da era das big bands, além de intensificar os estudos com Freddie Gruber ("o guru do swing", como explica Geddy Lee).

Ânimos renovados, o trio fez de *Test For Echo*, saudado pela crítica como seu disco "mais agressivo" desde *Moving Pictures*, de 1981. O nome do engenheiro Andy Wallace, normalmente ligado a bandas como Nirvana, Rage Against The Machine e Faith No More, fez diferença. "Foi a primeira vez que trabalhamos com americanos na mesa. Queríamos um som diferente, mais seco e mais 'frontal'. E o Andy e Cliff Norrell nos ajudaram a chegar lá", frisa Geddy. Quem tem mais a agradecer, porém, é Alex Lifeson, cujo instrumento está muito mais destacado na mixagem.

A princípio, o Rush tem apenas uma curta turnê preparada exclusivamente para os EUA e, até segunda ordem, não vem ao Brasil. Mas o panorama pode mudar. "É bom ouvir que temos tantos fãs aí. Isso faz aumentar nossa mística sobre a América do Sul", completa Geddy. No decorrer da entrevista, ele quebra a imagem hipercerebral da banda ao explicar por que os shows do Rush são abertos com a música-tema dos Três Patetas. "Ela fica perfeita aí!!! Sabe, na verdade, nós nos sentimos um pouco como eles."

"Adoramos os Três Patetas!! Na verdade, nós sentimos um pouco como eles..."

Geddy Lee — *(Risos)* Isso é um jeito meio estúpido de dizer que somos fortes, se unidos.

Você está certo. Sempre nos perguntam isso e eu aqui 22 anos depois, não sei te responder. Ou melhor, sei e tenho duas teorias. O Rush é extremamente abençoado por ter uma legião de fãs que nunca nos abandonou, mesmo que nossa natureza inquieta inclua mudanças durante nossa trajetória. Gostamos de experimentar ao máximo e nosso público permite que sejamos esse tipo de cientista. No lado pessoal, ao nos reunirmos para trabalhar, nos despimos de qualquer problema, de qualquer aflição. A gente se gosta, apesar de tanto tempo juntos. Isso não é comum em bandas de rock.

Nos consideramos bons dentro do que fazemos. Mas estamos tentando sempre nos superar.

Na naturalidade. Estamos buscando a naturalidade neste CD. Aliás, sempre procuramos esse tipo de coisa. Agora, enfim, conseguimos! Não gosto quando minha nova música soa como aquela velha música do Rush, entende? *(risos)*

Não tinha parado para pensar nisso. Mas não acho que falar sobre espiritualidade seja ruim. Acredito que todo mundo vem de alguma religião. No caso de "Totem", não acho que a música seja uma ode à religiosidade, ela está mais próxima dos demônios da gente.

É exatamente isso. A tecnologia nos pregou uma peça. Hoje é tudo caótico. Computadores, cabo óptico... Mas os sons são melhores, não? »

Não acho que ninguém imite o Rush descaradamente. Mas podemos encontrar nosso som em vários grupos. O Primus é o mais explícito, é claro.

O Soundgarden, o Electronic, do Bernard Sumner, que você citou... A Björk também faz um som interessante.

Você está brincando?!?

Eu não me importo. Gosto de fazer arenas. Somos uma banda. Acontece que o tempo vai passando, fica mais difícil percorrer muitos lugares, chegar a um acordo com o resto do grupo.

Gostaríamos, mas não sabemos nem se vamos terminar a turnê americana como planejado. Nesse momento, estamos só concentrados nessa excursão. Mas minha assessora me contou que uma das edições mais bem-sucedidas de sua revista foi com a gente na capa. Isso me alegra. Gosto de saber que temos muitos fãs no Brasil.

Acho que os que não curtem a gente estão por fora *(risos)*. O que eu posso fazer ou falar? Nossa música não é feita para todos, sinto muito. Pode ser uma atitude cínica, mas, em primeiro lugar, fazemos nossa música para nos satisfazer. O que tentamos, é claro, é não fazer algo radical que agrade a gente e desagrade o público. Sempre teremos críticas.

Ame-o ou deixe-

A humanidade costuma odiar ou amar sem meio-termo, três coisas. A saber: filme de Peter Greenaway, filé de fígado à veneziana e disco do Rush. A revista *Rolling Stone*, que tantas nulidades já ajudou a triunfar, jamais se dignou a estampar o grupo de Geddy Lee, Neil Peart e Alex Lifeson na capa. O espaço nas enciclopédias de rock tampouco faz justiça aos talentos destes três gênios que sobrevivem as objeções de gerações e gerações que vêm surgindo desde o fim da década de 70.

Em 1969, quando Lifeson conheceu, em Toronto, Geddy Lee e o baterista John Rutsey (substituído em 1975 pelo magistral Neil Peart), nasceu a banda. Sob o signo do Led Zeppelin, imitando-lhe o estilo, o peso e os timbres. Nada errado nisso: sempre que o Rush copia alguém, isto é, sempre, emprega aquela tendência que os estetas costumam chamar derrisoriamente de pós-modernidade e atinge a perfeição na forma. O Rush é o passado eterno que tenta loucamente reinventar o presente – pela porta larga da citação.

Hoje o trio é talvez a igreja roqueira de fiéis mais xiitas, que imprecam contra os detratores ostentando um número impressionante: 25 milhões de álbuns vendidos. Lee, Lifeson e Peart emprestam ao rock combinações jamais imaginadas. No universo roqueiro, foram os primeiros e ainda são os únicos que fazem a sobreposição de compassos, usando genialmente levadas de bateria estranhas ao gênero (ternário, quinário, setenário) e substituindo os tempos tradicionalmente dedicados aos pratos por acordes de guitarra. Geddy Lee sola o tempo todo. Peart busca fontes inusitadas (tem estudado os trabalhos de quatro décadas do baterista brasileiro Milton Banana) e Alex Lifeson é o maior escaneador de estilos de que se tem notícia. Nesse turbilhão, Neil Peart, homem que diz sem falsa modéstia ter lido mais de 20 mil livros, injeta nas letras o melhor de Ernest Hemingway, Jorge Luis Borges, Kurt Vonnegut Jr. e até Philip Roth. Não é pouco. (Cláudio Julio Tognolli)

Geddy Lee (ao vivo em 1993): apesar do sucesso, o R... nunca foi capa da *Rolling Stone*

Vou. *(risos)* Vi um filme muito interessante outro dia chamado *Lone Star (de John Sayles)*. É com o Kris Kristofferson e esse novo galã das telas Mattew McConaughey. John Sayles é, realmente, um cineasta fenomenal.

Ah... a Internet! Estou em casa fissurado com o computador. É um mundo totalmente novo.

Nem sabia que tínhamos uma... Brinco nos endereços do beisebol. Mas não tenho nenhum time. Gosto é de ver aqueles cartõezinhos mesmo.

Não acredito em Oliver Stone. Simplesmente não acredito nele, nem no filme.

Você brincou... Eddie Murphy para o papel de quem?

Estou esperando para ver.

Prediletos da casa

Conheça o melhor da discografia do Rush, na opinião da própria banda

Caress Of Steel — Muito na cola do Led Zeppelin, mas com toques originais: guitarras semi-acústicas Gibson 345 (citação explícita aos jazzistas John McLaughlin e Howard Roberts) e baterias Slingerkand, instrumento preferido pelo maior baterista de todos os tempos, Gene Krupa.

A Farewell To Kings — Abandonam a xerox do Led Zeppelin. Geddy Lee passa a tocar teclados e guitarra de dois braços. Alex Lifeson abusa dos violões de doze cordas e Neil Peart mistura nas letras temas de ficção científica e medievais.

Hemispheres — Retomam a saga de "Cygnus X-1". Fazem uso das leituras de Nietzsche e dedicam mais da metade do disco a uma faixa progressiva que relata a luta entre Apolo e Dionísio. "La Villa Strangiato", instrumental assinada por Lifeson, é um tributo à psicanálise.

Moving Pictures — É o álbum preferido da banda. Homenageia o herói do romance de Mark Twain, Tom Sawyer, traz um instrumental dedicado ao aeroporto de Toronto ("YYZ") e inicia a fase em que o Rush começa a acreditar que a química e a física regem as relações humanas ("todos devem reverter sua polaridade, para se elevar a partir das normas ou para se desviar das normas", revela a faixa "Vital Signs").

Signals — É o Rush new wave. Rimam química e biologia molecular com temas românticos. Enxertam compassos de seis tempos que se desdobram em sete. Confessam que The Police mudou a relação do Rush com a música.

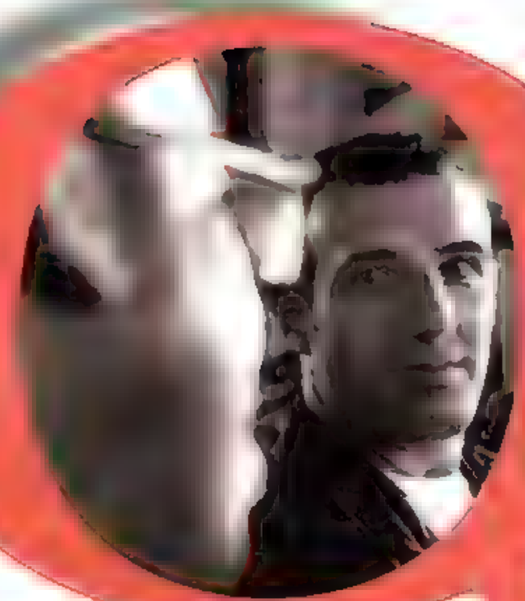
Roll The Bones — Misturam tecnopop com rap e vozes sintetizadas pelo vocoder.

(Da esq. para dir.) Geddy Lee, Alex Lifeson e Neil Peart: reconheceu?

amor louco

Chico Science e Cadão Volpato engatam papos-cabeça no Hotel Jandaia, no centro de São Paulo

maldito do Fellini e os dois trocam juras



Mangueboy encontra poeta eternas de admiração

Cadão Volpato e Chico Science. Criador e criatura. O primeiro fez parte do Fellini, um dos bastiões do rock independente paulistano dos anos 80. Chico Science tem a banda como uma de suas principais influências e gravou "Criança De Domingo", do Funziona Senza Vapore – projeto que Cadão tocou depois do Fellini.

Reunidos no Hotel Jandaia, no centro de São Paulo, a dupla filosofou sobre modernidade, relembrou histórias do Fellini e apontou o samba como a música do próximo milênio.

[illegible] De Domingo [illegible] mais?

Chico Science: Aquela fita foi Stella quem levou. Para mim, era mais um disco do Fellini. Me identifico muito com as letras, gosto pra caramba. A levada desa lembra loa de maracatu. Mas a nossa versão ficou mais pop.

[illegible]

A versão original é mais rápida. Tentei fazer bem próximo da loa. São os temas que os caras falam na celebração. As loas se dividem: ele fala de uma coisa e todo mundo repete. O Fellini era fantástico. Foi muito mal aproveitado no mercado fonográfico.

[illegible]

Reembolso postal da Baratos Afins (*que relançou os albuns do Fellini em CD*). Escutávamos na praia, tomando cerveja.

[illegible]

Qué isso! É muito moderno. Tava ouvindo coisas novas agora – como Money Mark, ambient... E muitas delas são parecidas com o Fellini. Fiz uma fita com ambient e coloquei junto "Mae Dos Gatos".

[illegible]

Ainda não fizemos experimentações desse tipo porque faltou grana. Mas tenho escutado muitas coisas em quatro canais. Os caras gravam em condições precárias para tirar um som diferente »

"Eu gostaria de fazer uma música para o Fellini" (Chico Science)

[illegible]

Com certeza. Somos experimentalistas. Por isso que nasceu esse segundo disco, *Afrociberdelia*.

[illegible] *Afrociberdelia* [illegible] coisa meio hip hop

Tem o espírito de música negra, de punk, hip hop... De garotada do subúrbio. A gente trabalhou na abertura do som. O primeiro disco (*Da Lama Ao Caos*) ficou meio cru, tem mais tambores. Esse possui uma sonoridade mais pop.

[illegible]

Compusemos juntos as músicas e as letras – eu faço com o Jorge (*Du Peixe*), com o Zero Quatro (*do mundo livre s/a*).

[illegible]

Funciona assim também. Da melodia é que vem a letra. A partir dela você viaja no que pode entrar. Usamos um método chamado *revival sense* para perceber o que vai dar para a melodia.

[illegible]

Depende muito do seu tempo, do seu estado de espírito. Existe também uma preocupação poética. Mas quando dá errado, pode funcionar – como não ter de rimar.

[illegible] que os tambores entraram

Eu tinha uma banda, chamada Loustal. Fazíamos um som meio anos 60. Chico Science & Nação Zumbi nasceu com o cruzamento com o Lamento Negro, um bloco afro. A intenção era resgatar o maracatu e todos os ritmos regionais ligados a ele – o coco, a ciranda e outros que se ramificaram com os tambores.

[illegible]

Um pouco de maracatu – mais coisas velhas como as coletâneas do selo Marcus Pereira. Ouço ambient, trip hop. De hip hop eu gosto apenas da métrica, que chega a lembrar o repente. Ouço jazz também: Chico Hamilton, afro-soul, latin jazz. Eu curto música!

[illegible]

O impacto dos tambores mexeu muito com o público lá de fora. Nos primeiros shows, eles compararam a gente ao Olodum. Mas quando viram as guitarras... Perguntavam, "O que é?" E a gente respondia: "É maracatu!"

[illegible] música? Você [illegible] por outros intérpretes

Eu gostaria de fazer umas músicas para os outros. A Marina pediu uma canção pro disco dela mas a gente tava sem tempo. Seria legal também fazer uma coisa para o Gil. Ou pro Fellini!

[illegible]

Tenho um pé na Tropicália porque vivi isso. Escutei Caetano Veloso, Gilberto Gil... Mas nunca tomei o movimento como base.

[illegible] brasileira no mundo

É justamente por isso que eu levo o samba pra frente. É a música do novo século. Eu faço samba do maracatu, do caboclinho, do coco... Se na virada do século eu fizer outra coisa, eu tive o samba como base. É mais ou menos como o reggae, que explodiu nos anos 70.

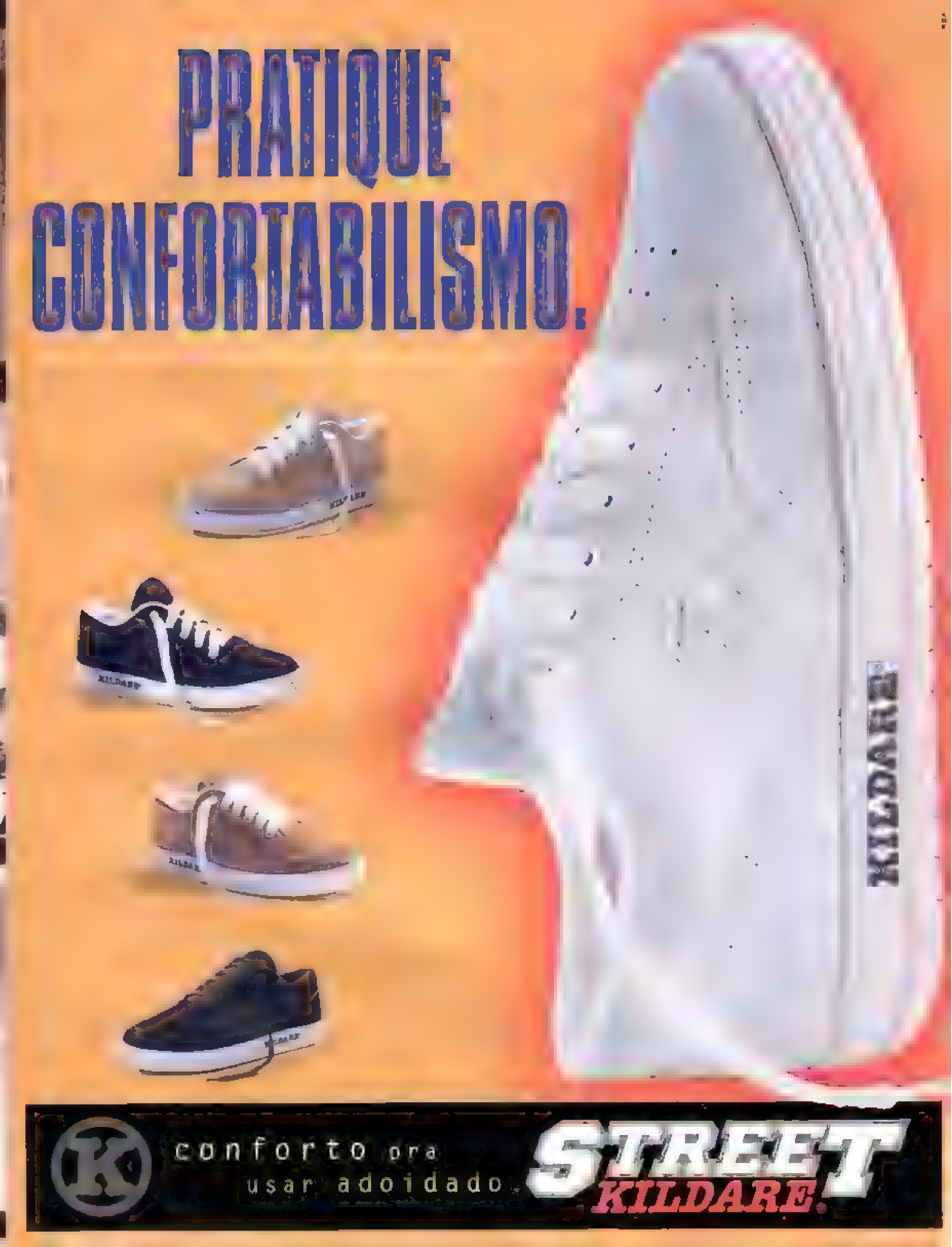
[illegible]

A gente pode mandar um som superacústico também. De trabalhar todos esses ritmos acústicos e usá-los de forma mais eletrônica – como o próprio Fellini fez com o samba. Eles estão produzindo isso lá fora. Mas aqui as pessoas ficam colocando dúvidas sobre a nossa musicalidade. Ora, fodam-se! Vamos botar pra funcionar!

Fellini samba-punk

Cadão passava o domingo em casa quando recebeu um estranho telefonema. "Sou o Chico Science, estou no estúdio e vou gravar 'Criança De Domingo'." Com o Fellini as coisas são assim mesmo. Surgido na metade dos anos 80, o grupo notabilizou-se por fazer discos caseiros – geralmente a bateria era programada no teclado –, em que misturava samba, bossa-nova e letras com referências ao cinema. O Fellini teve várias formações e lançou quatro discos: *O Adeus De Fellini*, *Fellini Só Vive Duas Vezes*, *Três Lugares Diferentes* e *Amor Louco*. Hoje, Thomas Pappon vive em Londres, Cadão Volpato é editor-chefe da *Interview*.

Ricardo Salvagni, Cadão e Thomas Pappon numa das inúmeras formações do grupo Fellini



Sea vida é...

...por que os Pet Shop Boys não poderiam ser?

A dupla voltou do Brasil com horizontes culturais alargados...

por CLAUDIA GRECHI

Quando esteve por aqui em dezembro de 94, para uma turnê por Sao Paulo e Rio, Neil Tennant sentiu o calor do nosso verão tropical, ouviu de perto um batucumbum que só havia conhecido similar no álbum *Rhythm Of The Saints*, de Paul Simon, e ficou todo excitado com a ginga brasileira. E olha que ele nem passou pela Bahia. "*Veeeeeery exciting*!!! Que balanço é esse? As pessoas transpiram sensualidade. O Rio é demais! O show que fizemos lá estava lotado e foi o máximo. Saí molhado de suor", lembra Neil, em entrevista fornecida pela gravadora EMI. **O resultado de tanta transpiração foi parar no novo disco. *Bilingual* está recheado de batuques do Olodum e tem até música em português.** "Estava escutando o disco do Olodum que comprei em São Paulo a procura de *samples*. Ouvi cantarem 'Se A Vida E' e achei lindo! Fiz a letra da música pensando num amigo meu que estava deprimido", conta Neil. A letra diz: "Pare de ficar em casa, saia por aí e aproveite o mundo". "Tinha tudo a ver com a batida", define o *pet shop boy*, irritado com a onda britpop de Oasis, Blur, Pulp e cia. "*Bilingual* é uma reação contra o britpop. Não é limitado e provinciano como a música britanica de hoje. Somos um grupo internacional e gostamos disso. Há a batida de samba do Brasil, o coral de Moscou... Não fizemos um disco só de dance music. Evoluímos muito", diz, cheio de razão.

As influências latinas adquiridas no Chile, no Peru e, principalmente, no Brasil, funcionam bem melhor agora do que no hit "Domino Dance", de 88, em que a *latinidad* aparecia em sua pior forma, um mero pastiche de elementos latinos com batida dance canastrona. Em *Bilingual*, as referências estão mais puras. Além de "Se A Vida É", o disco conta com "It Always Comes As A Surprise", com berimbau, cuíca e *samples* de "Corcovado"; "Single", com batidas de samba-reggae e referências hispânicas, e "Discotheque", composta depois de Neil ter lido num dicionário de inglês-espanhol a frase 'hay una discoteca por aqui'".

Entre um remelexo e outro, os garotos da loja de animais domésticos estão engajados em questões sexuais e na luta contra a AIDS. **Neil Tennant é gay assumido e Chris Lowe, embora não declare sua opção sexual, escapou por pouco de contrair o vírus HIV: seu ex-namorado, Peter Andreas, morreu em decorrência da doença em 1995.** O tecladista chegou a abrir vários processos contra alguns tablóides sensacionalistas ingleses que publicaram que ele era soropositivo. "Tenho escrito sobre a Aids em várias canções. Pessoas infectadas com o vírus ou que morreram por causa da doença são um tema constante na sociedade e eu não vejo muitos artistas falando a respeito disso, principalmente do ponto de vista gay", diz Neil.

O homossexualismo dos rapazes foi parar até nos negócios. O duo faz parte da divisão de Marketing Gay da gravadora Atlantic. *Bilingual*, obviamente, é um disco gay. "O conceito é esse mesmo. Essa coisa cosmopolita de misturar a dance com o som da América Latina tem tudo a ver. A fonética do título também sugere bissexual..."

Ao lançarem o single "Before", organizaram uma série de festas gays em Minneapolis, Houston, Nova York, Chicago e, é claro, São Francisco. Os principais clubes GLS dessas cidades receberam cópias de um remix da música com o título "The Truck Driver And His Mate" ("O Caminhoneiro E Seu Parceiro") e a foto de dois pênis em repouso na capa. "Bem, se há pessoas que acham um pênis mole pornográfico, elas é que são meio estranhas. Não há nada de pornô num pênis amolecido. É só uma brincadeira, não acredito que alguém possa se ofender com isso", diz Neil. Polêmicas à parte, o taco dos Pet Shop Boys continua poderoso. Em apenas uma semana, 'Before' chegou ao primeiro lugar na parada dance da revista *Billboard*.

Alegria, alegria. Chris (de amarelo) e Neil entraram na onda *tropicaliente*

REPÓRTER DE
LITTLE QUAIL

por MARCELO JANOT
fotos MARTIN C[illegible]

passarinhos na estrada

Little Quail vai na carona dos amigos Raimundos e barbariza pelo interior paulista

Não dá pra segurar. Gabriel, Zé Ovo e Bacalhau (da esq. para a dir.) regam o asfalto

Codorninhas na estrada: socorro

Classe A: Topic com ar-condicionado

Gabriel: "Birita só depois do show"

Gabriel cai de boca no cheese-bacon.

A cidade de Piracicaba, em São Paulo, a duas horas e meia da Capital, é conhecida principalmente por causa daquele simpático time com nome em algarismos romanos, o XV, sempre brigando por uma vaga na primeira divisão do Paulistão. O Little Quail é quase conhecido pelo quase sucesso: [illegible] de seu primeiro disco, editado pelo extinto selo Banguela. Agora lançando o segundo álbum, *A Primeira Vez Que Você Me Beijou*, pela Virgin, a banda está brigando por uma vaga na primeira divisão nacional e abrindo o show de seus brothers Raimundos.

Piracicaba é parte da aventura de quase dois meses pelo interior paulista em que os Codorninhas (*little quails*) se meteram. Amigos de longa data dos quatro raimundos, eles aproveitam para lembrar os balacos do passado. "Você tinha que ver o que era o Sans Culottes, a banda hardcore que eu tinha com o Rodolfo", exclama Zé Ovo que chegou a tocar baixo numa pré-histórica formação dos Raimundos – especializada em covers dos Ramones. No camarim, enquanto aguarda a hora de passar o som, o Little Quail carbura o primeiro dos inúmeros cigarrinhos da noite. Alguém sugere uma cachaça, grande orgulho piracicabano. "Que nada, véio, encher a cara de birita antes do show é pouco profissional" brada Gabriel, todo responsa. Profissionalismo é a principal lição que os três estão tirando da experiência de acompanhar os bem-sucedidos amigos de Brasília. "As estradas esburacadas que temos de enfrentar são como as roubadas do início da carreira. Somos obrigados a tocar em lugares com uma acústica de merda e equipamentos de merda. Por isso é legal ver de perto o nível que os Raimundos »

Fave a apenas um quarto para tres

Gabriel e Rodolfo: que horror!!!

Palco de roqueiro tarado e assim

Zé Ovo leva ajuda por tras

Little Quail ao vivo não dá refresco

"Elas têm que amar é a nossa música", diz o galã Gabriel

atingiram", diz o baixista Zé Ovo

Do lado de fora das dependências do Cristovão Colombo, o clube família da cidade, **as meninas gritam histéricas pelo raimundo Rodolfo, Gabriel estranha: "Incrível!!! Ele chegou a ser eleito o cara mais feio do colégio** Le Corbusier, onde estudávamos", entrega Gabriel. As ninfetas Halina Agapejev e Andrea Dalben, de 17 anos, vitoriosas por terem conseguido entrar no camarim, discordam. "Ah, ele é muito sensual..." A duplinha se considera íntima das duas bandas. "Conhecemos eles durante um show em Londrina, há alguns meses", orgulham-se

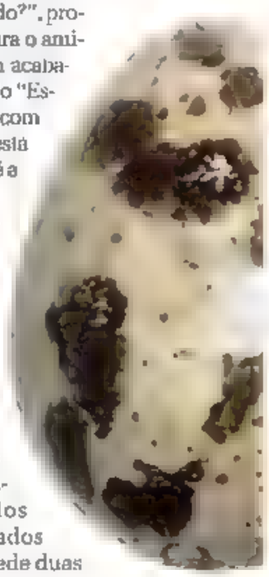
Os Raimundos passam o som. O baterista Bacalhau, que antes devorava um gorduroso cheese-bacon, gruda o ouvido na bateria de Fred para pegar alguns macetes. Zé Ovo desaparece e volta com a cabeça raspada ao estilo moicano. "Assim fico com mais cara de Zé Ovo", justifica.

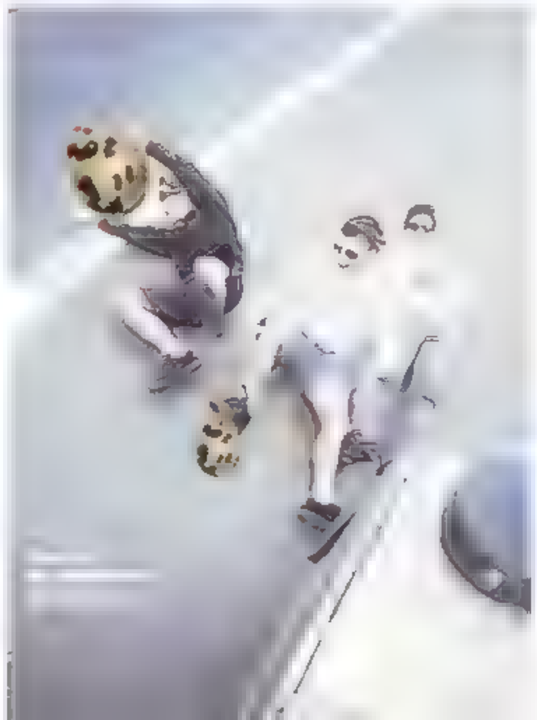
Os portões se abrem pouco antes das 22h e a **molecada – sem obrigações profissionais –, enche a cara de birita enquanto os pais se deixam hipnotizar por mais um capítulo da novela *O Rei do Gado*** – exibido no aparelho de TV da cantina do clube

Vinte minutos antes da hora marcada, o Little Quail tem de entrar no palco. "Coisas de banda de abertura", comenta Bacalhau. São 35 minutos de porrada sem refresco. A acústica do salão de festas improvisado não é boa, mas as cerca de 1.500 pessoas não estão nem aí. A alegria de ver os fãs pogando contagia o coração de Gabriel, Bacalhau e Zé Ovo, surpresos por verem que muitos conheciam as letras de cor. Emocionado, Zé Ovo chega a puxar um careta "Parabéns Pra Você" em homenagem a Rodolfo, aniversariante da noite, e é acompanhado por um coro só de garotas.

A retribuição vem mais tarde, quando o vocalista dos Raimundos chama Gabriel ao palco para cantar o hit "I Saw You Saying", parceria dos dois escrita quando dividiam o mesmo apê em São Paulo. "Ele não é lindo?", provoca Rodolfo, apontando para o amigo. As meninas que haviam acabado de se descabelar cantando "Esporrei Na Manivela" reagem com frieza. Gabriel jura que não está nem aí. "Elas têm que amar é a nossa música", derrapa

Depois do show, o cachimbo da paz rola direto. Prévia para o show do dia seguinte, em que Raimundos e Little Quail encontrariam o Planet Hemp, num minifestival, em Santo André. De volta ao hotel, onde dividem um único quarto, os codorninhas fazem um favorzinho aos raimundos (confortavelmente instalados cada um no seu): Zé Ovo cede duas camisinhas a um cara que pede para não ser identificado. Amigo é pra essas coisas...





Já vem com pilha.

Energia de bolso

Chegou Amazon Plus. A pastilha energética de bolso. Amazon Plus contém extrato de guaraná e ginseng com um refrescante sabor de menta. Vem em latinhas de 50 gramas (ou 50 kilowatts?) e você encontra em qualquer farmácia ou loja de produtos naturais. Experimente. Pra você é bala. Pro seu corpo é Duracell

VALDA (0800) 211100

GUARANA + GINSENG com sabor menta AMAZON plus

CASA DA CRIAÇÃO

Ostras

por CLAUDIA GRECHI
Fotos SEBASTIAN ROJAS

A banda de surf music Os Ostras dá um show de vacas marinhas no Guarujá

"Pô, o cara só faz foto de fera! A gente vai pagar o maior mico...", prevê, ainda em Sao Paulo, o guitarrista Jabá. A intenção é das melhores: levar a banda paulistana Os Ostras para surfar no Guarujá, praia de paulista por excelência. E para isso chamamos o fera das fotos de surf, Sebastian Rojas, acostumado a clicar campeões como Kelly Slater e Tom Curren para a revista *Fluir*. Se a idéia é boa, o resultado... "Cara, a gente tá na Noruega e não sabe!", diz o baterista Clayton ao mirar a paisagem cheia de neblina do balneário: chuva torrencial, alagamentos sortidos pela cidade, frio de 15 graus e vazio na areia. Apenas três cachorros molhados andam na praia.

Apesar do mau tempo, a banda formada há dois anos está arrebentando com uma performance alucinante. Influenciados por Dick Dale, Ventures e Beach Boys, eles são a primeira banda nacional que, com um CD recém-lançado (o homônimo *Os Ostras*), conseguiu chegar às paradas de rádio e da MTV tocando surf music "tradicional" e em português. Jabá, 34 anos, tocava no Famoso Colomy, que fazia covers de Jethro Tull e Jeff Beck; Márcio, 24 anos de asfalto, além de tocar com a remanescente cantora da Jovem Guarda Waldirene, tinha uma banda de covers do Rush com Clayton, 23 anos. Em 1994, deu o estalo: "Vamos montar uma banda de surf. Dispensa o vocal e não precisa de músicos para tocar!", se auto-sacanearam. Então, começaram tirando Ventures, Surfari e Beach Boys e depois passaram às músicas próprias.

Mas se eles fazem surf music, devem surfar também, não? Bom, digamos que o surf é uma referência mais musical do que esportiva na vida dos Ostras.

Na praia do Perequê alagada pela chuva, nem o mar escurão ajuda nossos bravos amigos, na tentativa de pegar uma ondinha: marolas ridículas quebram tímidas na praia. "Tem um terral aí... Até que não está tão ruim...", incentiva o *expert* Sebastian. "Ah é, é?", retrucam em coro. Já que o tempo, as ondas e o ânimo da galera não estão lá grande coisa, a solução é apelar para o bom humor, aliás, típico da banda: posar com capa e guarda-chuva. O fotógrafo arrisca: "Vamos ver se a gente descola um cartaz do tipo 'Ostras Frescas'." "Ostras frescas? Frescas não! Vai parecer coisa de boiola!", retruca o baixista Márcio.

Mas como a carne é fraca, depois de algumas cervejas, Jabá se anima, põe o calção e vai mostrar o que dois anos parados fazem à habilidade de um *surfeiro*. "Vai pra direita, Jabá... É pra direita... As ondas estão para a di-rei-ta!!!", tentam co-pilotar Márcio e Clayton, devidamente encapotados, enquanto Jabá insiste em dar uma caída na única parte flat (*sem ondas*) da praia. "Pô, o cara tá se esforçando", defende Clayton. Márcio, otimista prevê: "Agora é só esperar umas seis horas que a foto sai." Nao esperamos pra ver.

Maquiagem: Kiko Moreno (Truco) | Cabelo: Short Transport

Styling ROBERT HALFOUN | Hair SERGIO SARAIVA

a Boa

Filha do casal Jovem Guarda Eduardo "O Bom" Araújo & Silvinha, *Mônica Araújo* também canta. Com talento e sensualidade...

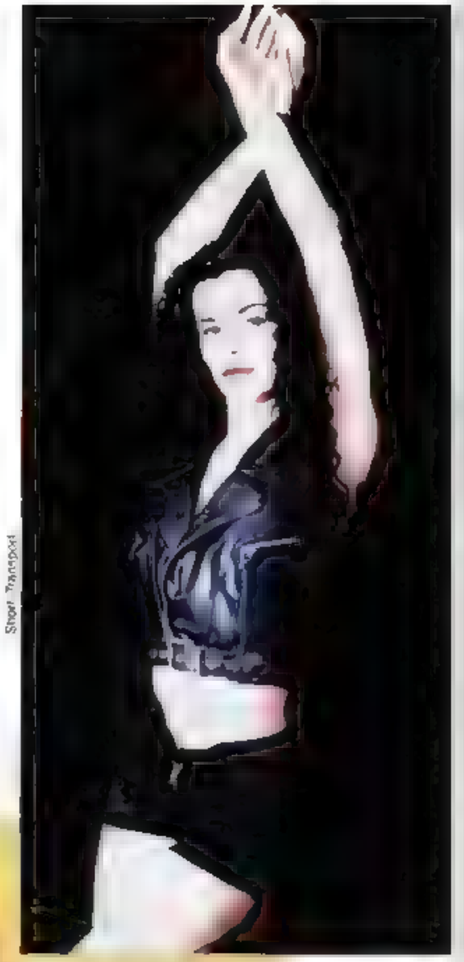
Esta aí realmente quase nasceu no palco. Seus pais, Eduardo Araújo e Silvinha, apresentavam-se ao vivo no Programa Silvio Santos, quando Mônica resolveu que também queria participar do show. "Rapaz, o parto só estava previsto para a semana seguinte... Foi o maior sufoco. Tivemos de parar de cantar, o Silvio chamou uma ambulância e fomos direto para a maternidade", lembra Eduardo

Vinte e cinco anos mais tarde, Mônica ri da situação. "É, sempre fui meio apressada", brinca. "Senti que estava no palco e não me controlei...", diz, com voz parecidíssima com a da mãe. "É, até um ex-namorado meu confundiu", confirma. »

Mônica Araújo

Apesar da influência dos pais, a veia artística da garota foi aparecer primeiro na dança. Aos seis anos começou a fazer aulas de ballet e só passou a cantar por acaso, fazendo backing vocal em um show de Eduardo Araújo. Aí não parou mais. Em 1993, lançou o primeiro disco e no mesmo ano levou o Prêmio Sharp na categoria Revelação – Cantora. Agora **está fazendo a turnê de seu segundo álbum, *Lua Brasileira*, produção independente** distribuída pela gravadora Paradoxx com regravações de músicas de Ivan Lins, Tom Jobim, Caetano Veloso, Djavan, Gilberto Gil e outras feras. Todas falando sobre o satélite da Terra. "A lua é feminina, serve de paixão e inspiração para muitos compositores", explica. No palco, Mônica se veste de lua. Em cima de uma salto sete e com um vestido prateado curtíssimo, a cantora esbanja sensualidade. "É um lance natural em mim, só procuro não ser vulgar", diz.

Papai concorda plenamente. E jura que não tem ciúme dela. "Ciúme? Ah, não. Ela é o tipo de mulher que o brasileiro gosta. Ser sensual faz parte do showbiz. O importante é que ela sabe se comportar", diz, orgulhoso. Mônica garante que a família não interfere



Silver Transport

Silver Pop Transport

"O ritmo nunca somigo. Cantar me dá muito prazer"

Ela ganhou o Prêmio Sharp de cantora revelação, em 93

na sua carreira. Mas bem que gostaria. **"Acho que meu pai preferiria se eu cantasse country ao invés de MPB"**, suspeita.

Eduardo confirma: "Não há dúvida, eu falo, mas ela não me escuta. A Mônica tem uma personalidade muito forte." E continua: "O country de verdade é totalmente rock'n'roll. Ela tem uma imagem pop, canta bem... Não há ninguém no mercado brasileiro como a Mônica. Ela tem tudo para estourar explorando este gênero", empolga-se. "E está quase convencida de que está na hora de mudar", completa

Enquanto não se deixa dobrar pelo pai, Mônica mora na praia, em Búzios, no Rio, e planeja fazer o próximo disco só com músicas de compositores da chamada "nova geração": Nando Reis, Carlinhos Brown, Chico Cesar, Paulinho Moska, Arnaldo Antunes . Alguém aí se habilita?

Galera sangue bom

por CLAUDIA GRECHI

Especial mostra astros do pop internacional e da MPB juntos na luta contra a Aids

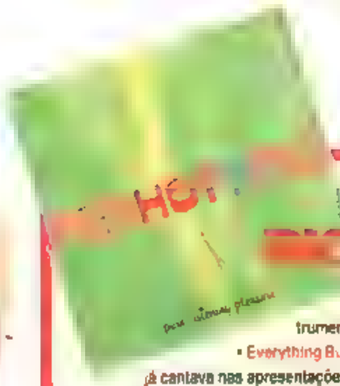
Prepare a pipoca, a cerveja e a fitinha vermelha. Em 1º de dezembro – Dia Mundial De Luta Contra a Aids – vai ao ar na MTV o especial *Red Hot + Rio*. Produzido pela emissora (com direção de Alex Gabassi) e pela Red Hot Organization (principal entidade internacional dedicada a arrecadar fundos e desenvolver um trabalho de conscientização sobre Aids através da cultura pop), o programa é baseado no disco *Red Hot + Rio*, um tributo à música brasileira dos anos 60 (em especial à bossa-nova), com duetos de George Michael e Astrud Gilberto, Caetano Veloso e Cesaria Evora (mais Ryuichi Sakamoto), Marisa Monte e David Byrne, Sting e Tom Jobim e até Cazuza e Bebel Gilberto, entre outros.

Lançado lá fora em outubro e previsto para sair por aqui em meados de dezembro, o álbum tem produção de John Carlin, Paul Heck e do brasileiro Beco Dranoff. "Em 1993, tive a idéia do disco. Para ser internacional tinha que ser de bossa-nova. Por isso quem deu a partida foi o Tom, que na época ainda estava vivo. O Gil e o Caetano aceitaram na hora. A causa mobilizou a comunidade artística", diz Beco. Assim que soube do projeto, George Michael topou. Mas Beco e cia. tiveram de esperar um pouco. "Ele estava envolvido com o lançamento do seu último disco, *Older*, e esperamos meses pela gravação dele" completa.

Red Hot + Rio, o programa, tem uma hora de entrevistas, vídeos de alguns dos artistas participantes do álbum e quatro curta-metragens sobre o Rio de Janeiro dirigidos por Andrew Waddington (premiado por "Garota Nacional", clip do Skank), Sandra Kogut, Eder Santos e José Roberto Torero. Entre as performances ao vivo e clips, há Everything But The Girl, Milton Nascimento (em clima banquinho-e-violão nos estúdios da MTV brasileira), além das superduplas David Byrne & Marisa Monte e Caetano Veloso & Ryuichi Sakamoto. Será reprisado durante todo o Dia Mundial De Luta Contra a Aids, quando a MTV também exibe o programa *Planeta Sangue Bom* (chamado de *Positively Global* no resto do mundo) uma co-produção das cinco MTVs mundiais. O segmento brazuca traz depoimentos femininos sobre a Aids, já que, no Brasil, o crescimento da doença está entre as mulheres.

George Michael encontra Astrud Gilberto e se dá bem cantando "Desafinado"

O Everything But The Girl *(acima)* fez questão de levar para o disco a versão de "Corcovado" que cantava nos shows. David Byrne e Marisa Monte *(abaixo)* estão juntos na versão em inglês de "Águas de Março"



RED HOT + RIO, O DISCO

- Money Mark - "Use Your Head" - Instrumental composto para o disco.
- Everything But The Girl - "Corcovado" - Tracey Thorn já cantava nas apresentações ao vivo do EBTG.
- Astrud Gilberto + George Michael - "Desafinado" - A música, imortalizada na voz de João Gilberto, é um dos grandes destaques do álbum.
- PM Dawn With Flora Purim + Airto Moreira - " Non-Fiction Burning" - Trip-hop inédito. A parceria já estava rolando antes do disco.
- Crystal Waters - "The Boy From Ipanema" - Já toca direto nos clubs de Nova York. Feita a partir da versão gravada por Ella Fitzgerald.
- Maxwell - "Segurança" - É bem cool, lembra Marvin Gaye. Maxwell teve a ajuda do brasileiro Vinicius Cantuária.
- Cesaria Evora + Caetano Veloso + Ryuichi Sakamoto - "É Preciso Perdoar" - Caetano sugeriu este clássico do baiano Carlos Coqueijo e chamou o amigos.
- Incognito With Omar + Anna Caram - "Water To Drink" - Em inglês, mas parecidíssima com a original "Agua De Beber", de Tom Jobim.
- Milton Nascimento - "Dancing" - Composta inicialmente para um bale, nunca havia sido lançada.
- Antonio Carlos Jobim + Sting - "How Insensitive" - A mesma versão de Insensatez" já conhecida internacionalmente.
- David Byrne + Marisa Monte - "Waters Of March" - "Águas de Março", de Tom Jobim, com clima Talking Heads.
- Stereolab + Herbie Mann - "One Note Samba/Surfboard" - Curtissima. É quase uma vinheta
- Mad Professor - "Black Orpheus Dub" - Viagem total com samples do filme *Orfeu Negro*.
- Chico Science + DJ Soul Slinger - "Maracatu Atômico" - Chico entrou no disco por ser a "novidade do Brasil"
- Funk'N Lata - "Sambadrome" - Interludio batuqueiro.
- Gilberto Gil - "Refazenda" - Regravação especial.
- Cazuza + Bebel Gilberto - "Preciso Dizer Que Te Amo" - Demo gravada informalmente em Teresópolis, no Rio, em clima de intimidade descontraída.

Caetano Veloso chamou os amigos Cesaria Evora (com *ele na foto*) e Ryuichi Sakamoto para gravar "É Preciso Perdoar"

A dupla Sting e Tom Jobim foi readitada

Cazuza ressuscita ao lado de Bebel Gilberto, numa gravação caseira feita em Teresópolis, no Rio

ONZE PERGUNTAS

Shirley Manson

A cantora do Garbage abre a boca para falar sobre sua vida pregressa: sexo, roupas de baixo e porres ao som de ABBA

É verdade que, aos 16 anos, você entrou para uma banda só por que estava apaixonada pelo cantor?
Foi um tempo bundão, não me deu satisfação nenhuma. Zero. Saí porque não me sentia parte integral do Goodbye Mr. MacKenzie, onde tocava teclado e cantava. E também porque ficar vendo o cara que você está apaixonada, transando com outras garotas, não é a coisa mais legal do mundo.

E então você se tornou uma das mulheres mais desejadas da música pop...
Esse título de símbolo sexual é um absurdo! Realmente tem gente que me acha atraente, mas isso não quer dizer nada! Sei que outras milhares de pessoas me acham repulsiva.

Mas você se veste e se comporta como um símbolo sexual, não?
Me visto como eu gosto. Sempre usei sainhas curtíssimas. Quando tocava com o Goodbye Mr MacKenzie, um imbecil que me detestava espalhou pra todo mundo que durante um show eu estava usando enormes calcinhas de avó. Um bestal Nem calcinha eu estava usando...

Quando você realmente mergulhou de cabeça no rock?
Perdi o interesse na escola quando descobri o rock & roll, o fumo e a bebida. Tinha 14 anos a primeira vez que bebi. Fui para um pub, pedi um Martini e fiquei dançando "The Winner Takes it All", do Abba. Aí, descobri que estudar era um saco.

Sua adolescência foi difícil?
A época da escola foi um saco! As pessoas me torturavam, perguntando se meu cabelo era natural. Hoje, gosto quando me perguntam isso porque aí eu posso responder: Sim!!! Sou inteira ruiva, quer conferir?...

Como era sua vida em Edimburgo, na Escócia, antes de ser mundialmente famosa?
Estudava, trabalhei como vendedora de uma loja de roupas... Lá as pessoas pensam que o sucesso é uma coisa vulgar. Nos Estados Unidos, as pessoas gostam de te ver acontecendo. Fui para lá, é claro. Agora vejo que dá pra morar em Edimburgo e ir de vez em quando para Madison, em Wisconsin, nos EUA *(onde moram os outros integrantes do Garbage)*, porque lá é muito chato, muito classe média.

Como é a sua relação com os outros integrantes do Garbage, Butch Vig, Steve Marker e Duke Erikson?
Você é uma pessoa de sorte se encontrar um amigo de verdade durante toda a sua vida. Eu encontrei três grandes amigos de uma vez só. Todo mundo me diz que eu sou a puta mais sortuda do mundo!

Você é muito assediada?
Tem gente que me adora, tem gente que me odeia. Há algum tempo, a Chrissie Hynde me ligou no estúdio e disse que queria fazer parte do meu fã-clube...

Como vai sua vida sentimental?
Namoro o mesmo cara há cinco anos. O Eddie é meu grande companheiro, nós cozinhamos juntos, vamos ao cinema juntos, tocamos juntos, toda essa coisa doméstica.

Segundo os "Dez Mandamentos Sexuais de Shirley", publicados na revista *Details*, os homens de verdade não devem usar cuecas e é fundamental que façam sexo oral. Como ficam os milhares de caras que deixaram de usar cueca por sua causa?
Bem... O que eu posso dizer para esses caras? Só sei que o Eddie deu uma virada na minha cabeça de 180 graus. Mudou completamente minha vida. Ele não é 'o homem por trás da Shirley Manson'. É o homem que está ao meu lado.

O que mais você quer da vida?
Quero um lugar onde possa me sentir segura. Nunca tive uma conta no banco, nem dinheiro. Nunca tive um salário regular. Agora, procuro ter estabilidade para o resto da vida.

Stamp Rock Wear

EXCLUSIVO NO BRASIL
PRODUTOS OFICIAIS
FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS PELAS BANDAS

ALTA QUALIDADE

TAMANHOS P M G

RECEBA PELO CORREIO

PAGUE AO RETIRAR

TE - (011) 299 [illegible]

ATENÇÃO.: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE WINTERLAND PRODUCTIONS. EXCETO "SEPULTURA" SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE BLUE GRAPE

TS 200 IRON MAIDEN

TS 201 DOORS

TS 202 LED ZEPPELIN

TS 203 RAMONES

TS 204 PINK FLOYD

TS 205 PANTERA

TS 206 DOORS

TS 207 JIMI HENDRIX

TS 208 IRON MAIDEN

TS 209 LED ZEPPELIN

TS 210 PANTERA

TS 211 DOORS

TS 212 PAGE/PLANT

TS 213 DOORS

TS 214 IRON MAIDEN

TS 215 RAMONES

TS 216 LED ZEPPELIN

TS 217 DOORS

TS 218 IRON MAIDEN

TS 219 BIOHAZARD

TS 220 DREAM THEATER

TS 221 PRIMUS

TS 222 HOLE

TS 223 BODY COUNT

TS 224 MADONNA

TS 225 DOORS

TS 226 RAMONES

TS 227 PINK FLOYD

TS 228 LED ZEPPELIN

TS 229 DOORS

TS 230 JIMI HENDRIX

TS 231 LED ZEPPELIN

TS 232 DOORS

TS 233 LED ZEPPELIN

TS 234 BEASTIE BOYS

TS 235 MADONNA

TS 236 BIOHAZARD

TS 237 PANTERA

TS 238 SEPULTURA

TS 239 SEPULTURA

TS 240 SEPULTURA

TS 241 SEPULTURA

R$ 22,00

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

LOJAS STAMP:

AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222.9984 - GAL. ROCK.
RUA 24 DE MAIO, 115 - TERREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222 7015

RIO DE JANEIRO: REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
[illegible]
AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1º PISO - B. DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU COPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022.051 - SÃO PAULO/SP

- NOME _____
- END. _____
- CEP _____ CIDADE: _____ EST. ___
- TEL. _____ ASSINATURA. _____

REF:	TAM:	REF:	TAM:	[illegible]	TAM:

VALOR TOTAL. R$ _____ + FRETE

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

CIDADE NEGRA
O Erê
Sony Music

Atitude para estourar no outro lado de lá

Ano passado, o Cidade Negra do Brasil, já coroado por não sei quantas mil cópias vendidas e com o hit "Onde Você Mora" troando nas rádios, apresentou-se num pequeno clube do Village, em Nova York. Na platéia, umas cem pessoas, brasileiros e gringos em geral meninos. A situação remetia aos primórdios da banda e daí, em dois raciocínios, veio a pergunta: Cadê as chances para uma carreira internacional? A resposta pode estar, saberemos logo, em *O Erê* (a criança em ioruba).

A receita é muito boa. No álbum, novamente produzido por Liminha, há participações especiais como a do Inner Circle ("Free" – os gordões do IC adoram o Cidade), a DJ Patra ("Realidade Virtual"), versões para reggaes conhecidos de Dennis Brown ("Sitting And Watching", que virou "Simples Viagem") ou Yellowman ("Wrong Girl To Play With", transformada em "Firmamento"). De Nando Reis, autor de "Onde Você Mora", o Cidade Negra gravou "Luz Dos Olhos".

Mas apenas uma boa receita, como se sabe, não basta, tem de ter atitude e tocar pra cacete – e isso é com o Cidade. A alguns anos-luz de *Lute Para Viver*, o primeiro disco, ainda com Bernardo nos vocais, *O Erê* viaja em batidões soul e funk, incorpora samples, scratches, sem perder a base reggae. É o melhor disco do Cidade Negra, fora o próximo.

Otávio Rodrigues

SUZANNE VEGA
Nine Objects Of Desire
A&M/PolyGram

Ex-princesa sem bussola

• A carreira de Suzanne Vega continua uma metralhadora giratória. Depois de surgir como princesa folk e roqueira preferida dos intelectuais do Village em Nova York, a cantora perdeu sua bússola no [illegible] pop. Agora, com *Nine Objects Of Desire*, Suzanne passa longe da compositora eficiente dos primeiros álbuns.

Sua música parece [illegible]. Ela atira em vários estilos com predomínio marcante de arranjos acústicos. Arrisca até bossa nova (na chatérrima "Caramel") sem mostrar convicção em nenhum deles. Os fãs que esperam a volta da cantora de pérolas folk-rock como "Tom's Diner" e o megahit "Luka" podem arrumar um banquinho para sentar. Suzanne Vega já teve o rótulo de "nova Patti Smith". Hoje se ela conseguisse ser a velha Suzanne Vega já estava legal.

Tatiana Menezes

NEW EDITION
Home Again
MCA

Balanço de gente grande

• Dez anos após 'desbandar', o New Edition volta à ativa com *Home Again*. O grupo se consagrou nos anos 80 com vários hits à base de um soul pop legalzinho, mas muitas vezes meloso demais.

Com a parada, seus integrantes – Bobby Brown, Ricky Bell, Michael Bivins, Ronnie DeVoe (Bell Biv DeVoe), Ralph Tresvant e Johnny Gill – seguiram solo e se deram bem. Brown, marido de Whitney Houston, foi o mais bem-sucedido, tendo enchido o colchão de dinheiro com o sucesso avassalador de *Bobby* em 1992.

Home Again reúne esses bacanas todos, mas não tem egos em exibição. Adulto, o grupo deixa a baba adolescente de lado e investe em balanços musculosos ("O Yeah It Feels So Good") e baladas sinceras ("One More Day"). "Hit Me Off" é o destaque da bolacha, um hit cavalar, o melhor que seu dinheirinho pode comprar numa loja. Legal isso: agora o nome New Edition faz sentido para a banda.

Carlos Albuquerque

THE WALLFLOWERS
Bringing Down The Horse
Interscope/MCA

Country rock de primeira

• A banda de Jakob Dylan, filho de ninguém menos que Bob Dylan, [illegible] quatro dos [illegible] de seu álbum de estréia. T Bone Burnett, produtor de mão cheia (Roy Orbison e de Elvis Costello), emprestou aos Wallflowers um som country rock de primeira, com guitarras slide, dobros e aquele orgãozinho que tanto ajudou a carreira de Bob pai. Como letrista, Jakob jamais será indicado para o Nobel de Literatura. Sua voz é de família, sem a lanhada escalavrada de Bob. Mas sua banda faz um som só encontrável hoje em dia em discos de Tom Petty e da cantora Sam Phillips, mulher de T Burnett, [illegible] tão bacana que até emprestou a patroa pro disco.

Pedro Só

O Rappa
Rappa Mundi
WEA

Usina carioca de fazer reggae

• Ao peso e groove produzidos pelos pioneiros jamaicanos, o reggae brasileiro já experimentou incursões brejeiras pelo calango (Skank) e boas doses de pop soul (Cidade Negra). No caso do Rappa, o que se ouve é uma usina sonora que opera à base de samba, funk e rap produzidos nas melhores bibocas do Rio.

Rappa Mundi tem a pegada pop que faltou ao álbum de estréia da banda. Cortesia da produção de Liminha. O Rappa passeia pelo pantanoso terreno das versões – algumas funcionam, como "Ilê Ayê", imortalizada por Gilberto Gil, e "Vapor Barato". Outras, nem tanto: "Hey Joe" soa chatinha. Melhor arriscar em repertório próprio, como pode-se notar em "Miséria S/A" e na rítmica "Pescador De Ilusões".

Sérgio Martins

JAMIROQUAI
Travelling Without Moving
Small/Sony Music

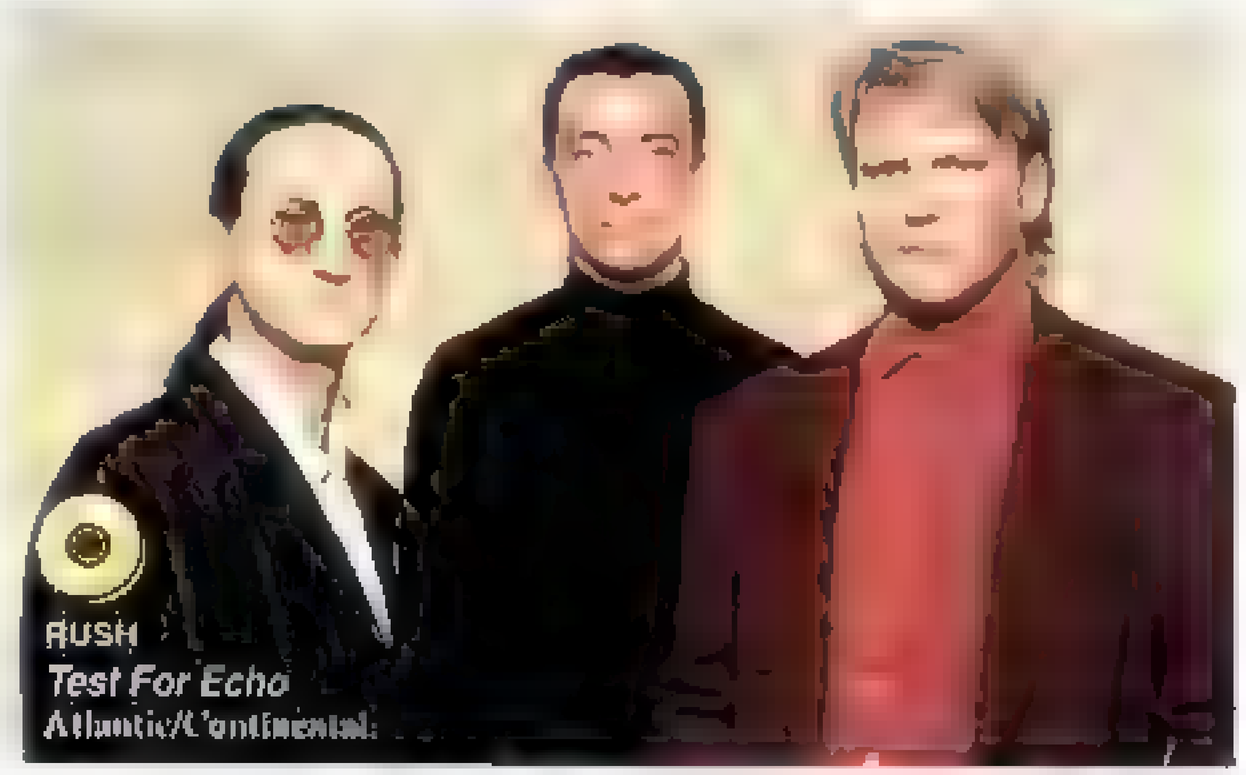
O berrante complica

• Jamiroquai é apenas um jeito mais complicado de falar Jay Kay. Senão, vejamos: foi a silhueta dele com o indefectível chapéu de búfalo que virou marca registrada do grupo. Ele escreve as letras, os arranjos e faz a co-produção. O tominha até dirige o Lamborghini que arranca na faixa-título. E ele, naturalmente, canta – Jay Kay tem groove.

Sua principal inspiração ainda é música negra. Pode ser funk, em "You Are My Love" e "Funktion" (a décima terceira faixa, que não consta do encarte), disco, em "Cosmic Girl", reggae, em "Drifting Along", *drum n' bass*, em "High Times" ou uma mistura disso tudo em "Virtual Insanity". Mas nada é perfeito e ele pode ser também insuportável em "Didjerama" e "Didjital Vibrations", as duas com aquele maldito berrante australiano.

Fernando [illegible]

Pra converter novos fiéis



RUSH
Test For Echo
Atlantic/Continental

Rush não é banda, é religião. *Test For Echo* é a redenção dos rushmaníacos de todas as idades e tem tudo para arrebanhar a galera nova que ainda não conhece o grupo.

Geddy Lee, Alex Lifeson e Neil Peart estão inspiradíssimos. Depois de dois anos e meio sumidos, eles voltam num álbum com o sotaque dos trabalhos mais pop e o peso dos primeiros discos. *Test For Echo* é coeso, tem pontos altos, é claro, mas não se ouve músicas rasteiras no álbum. "Time And Motion" (a quinta faixa) é o que chamam de clássico instantâneo e revive os tempos mais progressivos. A música-título, que abre o disco, logo de cara chama a atenção pela categoria como o melhor trabalho do Rush. Melodia, peso, virtuosismo no ponto certo, tudo junto num arranjo de fazer inveja. É empolgante. Não é à toa que está estourada nas rádios americanas e toca mais do que o Pearl Jam. O que prova, aliás, que há muito mais gente que adora o Rush do que supõem os que nutrem ódio pela banda. Cada vez mais.

Robert [illegible]

808 STATE
Don Solaris
ZTT/Warner

Cansados da chuva

• O trio inglês 808 State cansou da chuva perene que cai sobre sua cidade natal, Manchester, a capital inglesa da música eletrônica (de onde também saiu o New Order). *Don Solaris*, como dá pista o título, celebra o sol e o céu azul.

Leitores críticos dos modismos, eles absorvem o jungle e o *break-beat* e acrescentam o toque 808, fazendo com que os dois estilos percam em tribalismo e ganhem contornos ambient-jazzísticos. É assim com a ótima "Azura", marcada pelo vocal björkiano de Louise Rhodes, do Lamb. É ela quem comete o refrão "deixe-me ser seu céu azul".

O 808 State peca apenas pela falta de inovação. Depois de ter aberto caminho e servido de influência para projetos de sucesso como Underworld, Leftfield e Chemical Brothers, seu novo CD fica à sombra dos trabalhos superiores – desses últimos. Seria essa a nuvem de que o 808 State tanto quer afastar?

André Gordirro

VÁRIOS
Brasil Compacto
Rock It!/Virgin

O futuro do rock brazuca

• Produzido por Sérgio Espírito Santo e com direção artística de Dado Villa-Lobos, *Brasil Compacto* traz um belo panorama do que as chamadas bandas alternativas têm apresentado pelo Brasil. Dez grupos de norte a sul do país – o décimo-primeiro nome, Fausto Fawcett, que aparece numa faixa-bônus, não conta – mostram a cara e a coragem em 21 faixas. De Brasília vem o Tenente Mostarda; de Porto Alegre, os Colarinhos Caóticos; do Rio, o bom *repente* dos Devas; de Ribeirão Preto, chega o Motorcycle Mamma e o imperdível Tiroteio traz a malandragem paulistana da gema.

Mas o melhor, como já era de se esperar, vem do Nordeste, região ultimamente infestada de boas idéias e experimentação: Geneal Junkie de Natal, Eddie, de Olinda, e Paulo Francis Vai Pro Céu, de Recife, não fazem feio. Mas quem arrasa mesmo são outras bandas com um certo público cativo na região: Maria Bacana (Salvador) e Lacertae (Aracaju) – uma espécie de Beck sergipano – e principalmente a mistura poderosa de rock pesado com toques de funk e manguebit dos alagoanos do Living In The Shit. Se depender da seleção de *Brasil Compacto*, o futuro da música brasileira está garantido.

Cláudio Gircino

MACHINES OF LOVING GRACE
Gilt
Mammoth/Natasha

Alice mezzo eletronico

• O começo do terceiro álbum dos MOLG dá a impressão de que vai se escutar mais uma banda pesada na linha do Alice In Chains. Mas aos poucos vão emergindo as tendências industriais/eletrônicas do grupo e o cenário melhora muito. Os Machines são quatro, do Arizona, Estados Unidos, e neste disco contaram com a produção de Sylvia Massy (também do Tool e Babes In Toyland).

Apesar de apresentarem rock baseado na tríade guitarra-baixo-bateria, destacam-se os teclados e samplers de Mike Fisher, que chega a cometer uma citação do Einstürzende Neubaten. Dá para viver bem sem escutar os MOLG, mas as faixas "Kiss Destroyer", "The Soft Collision" e "Casual Users" não são perda de tempo.

Marcos Smirkoff

SUEDE
Coming Up
Nude/Sony Music

Para Mariah Carey cantar

• O Suede contraria todas as expectativas e lança o melhor disco de sua carreira. A banda havia sido enterrada viva depois da saída do ótimo guitarrista e letrista Bernard Butler, há quase dois anos.

Garantiram que eles estavam acabados, mas o vocalista e letrista Brett Anderson achou que não. Colocou um anúncio no jornal procurando um novo guitarrista e levou o Suede adiante. Deu certo. *Coming Up* é muito mais comercial (no bom sentido) que os dois primeiros discos, embora não seja completamente diferente deles – Brett continua cantando de maneira afetada, as letras ainda falam de sexo e drogas e as capas são esquisitas.

Basicamente, o que mudou de *Dog Man Star* para cá foi o nível de dopamina: o Suede parece ter superado sua fase depressiva. Brett até anda dizendo por aí que a Mariah Carey poderia cantar suas músicas. Hummm, isso me cheira a overdose de Prozac.

Fernando Luna

ARNALDO ANTUNES
O Silêncio
BMG-Ariola

Salvo pelo "Juízo Final"

P[illegible] Arnaldo Antunes [illegible] pode [illegible] aquilo que fazia até 1992, quando [illegible] música se encaixa perfeitamente [illegible] de redundância poética [illegible] [illegible] ou então [illegible] de trabalho de [illegible] cada música.

[illegible] Maria Fernea, que tem [illegible] sexo/liberal gemido" são constrangedores.

"Que Te Quero" poderia tranqüilamente estar em [illegible] *Dinossauros*, disco dos Titãs, o que mostra a [illegible]

Joyce Medeiros

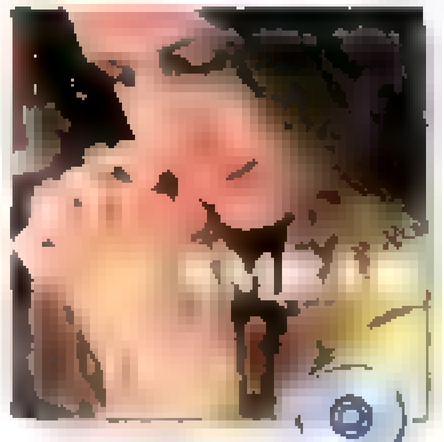
GOLDFINGER
Goldfinger
Mojo/MCA

O Green Day do mes

• O álbum do Goldfinger segue fielmente a cartilha punk: rocks acelerados, músicas que raramente ultrapassam dois minutos e meio, vocal gritado e ainda duas faixas quase reggae ("King For A Day" e "My Girlfriend's Shower Sucks") para dar um toque de Clash. Para completar, a capinha do CD emula *comics*.

Resumindo, o Goldfinger tem tudo para aparecer perfilado com Green Day, Offspring e todos esses grupos que insistem em ser punks em 1996. Como seus congêneres, dá uma boa trilha sonora de festa esperta, mas não passa disso. Tudo bem que algumas faixas até consigam mostrar como o rock desencanado é bom ("Anxiety" e "Miles Away" são exemplos), mas o vocalista, guitarrista e principal compositor da banda, John Feldmann, tem de comer um pouco mais de feijão para cavar um lugar entre os notáveis da nova geração. É difícil convencer essa molecada de que bons eram o Clash e o Sham 69. Por isso, o melhor é deixar o Goldfinger em paz abrindo os shows do Green Day. Já está bom demais.

Thales de Menezes



MARIA BETHANIA
Âmbar
EMI Music

50 anos de juros e emoçoes

• Para comemorar os 50 anos vale tudo: do porte solitário àquela festa inolvidável. Maria Bethania preferiu um álbum só, *Âmbar*, e o que monta um corpo sólido de canções. Há as eternas, como "Chão De Estrelas" (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa), andando lado a lado com a modernidade como "O Circo" (Orlando Moraes e Antônio Cícero). Ou o contraste entre "Ave Maria" (Vicente Paiva e Jayme Redondo) e a faixa-título "Âmbar" (Adriana Calcanhoto). Chico César emplacou duas: "Onde Estará O Meu Amor" e a bem sacada "Invocação".

Bethania empresta todo seu sentimento às cobras, aos arranjos (Jayme Allen) são excelentes, a presença de músicos como Jotinha, Victor Biglione, Jorge Helder, Carlos Bala e Paulinho Da Costa, entre outros, garante o *score* de primeira ordem. Cordas em Londres, masterização em Los Angeles, voz em Abbey Road... Este *bouquet* deve ter sido caro. Em meio a tantas pérolas, reluz "Iluminação" (Roberto Mendes e Jorge Portugal), que inclui o grupo vocal Zap Mama. É o melhor acepipe deste cardápio que ainda traz um Ary Barroso & Luiz Peixoto, "Quando Eu Penso Na Bahia".

Mas tem mais: um terno Caetano Veloso oculto em "Eterno Em Mim" – e a simplicidade de Carlinhos Brown & Arnaldo Antunes em "Lua Vermelha". Bem do *Âmbar*, as vermelhas são eternas às gradações, e, para uma festa de aniversário, está caprichado que só.

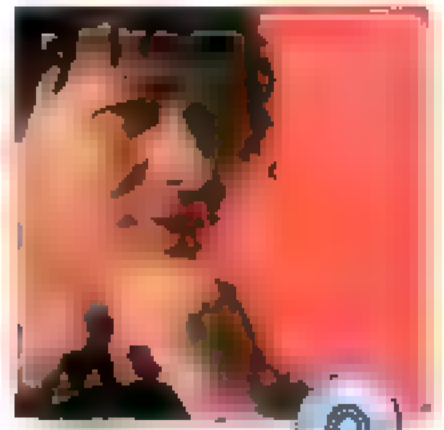
Marcus Veras

ASH
1977
Reprise/WEA

Punk com cultura trash

• O grupo irlandês Ash é uma contrapartida mais pop e menos punk dos americanos do Green Day. Mas o princípio é o mesmo: três carinhas ainda com a casca do ovo partindo [illegible] simples. As músicas mais pesadas são de [illegible] e têm um tempero de cultura *trash* (em que títulos como "Goldfinger", "Girl From Mars" e "Kung Fu" fazem você pensar?). Os garotos (a média de idade do grupo é 18 anos) são bons de balada, [illegible] com a orquestra "Gone The Dream" e a [illegible] You". Esta até invade o quintal de notas da assinatura de Frank Sinatra, "Strangers In The Night", mas pula fora antes de ser acusada de invasão de domicílio. Ou me hot plagio.

Marcelo Orozco



DJAVAN
Malasia
Sony Music

Beleza brota aos poucos

• Djavan teve uma das melhores fases da sua carreira na década de 80, tempos dos brilhantes *Oceano* e *Coisa De Acender*. *Novena*, de 1994, abriu uma nova fase, acústica, inspirada na sua internacional e atrás de uma nova poética, menos dependente da sonoridade das palavras. *Malasia* continua acústico, com melodias difíceis, de onde aos poucos brotam as belezas. A sensual "Cometa", a minimalista "Malasia" e "Irmãos de Sangue", [illegible] sua primeira canção de protesto. Mas ele também se sai bem na bossa-nova "Correnteza", no samba "Coração Levado" de Paulinho da Viola, e ainda numa versão de "Smile", com [illegible] teclados, que Chaplin iria adorar.

Ener Passo

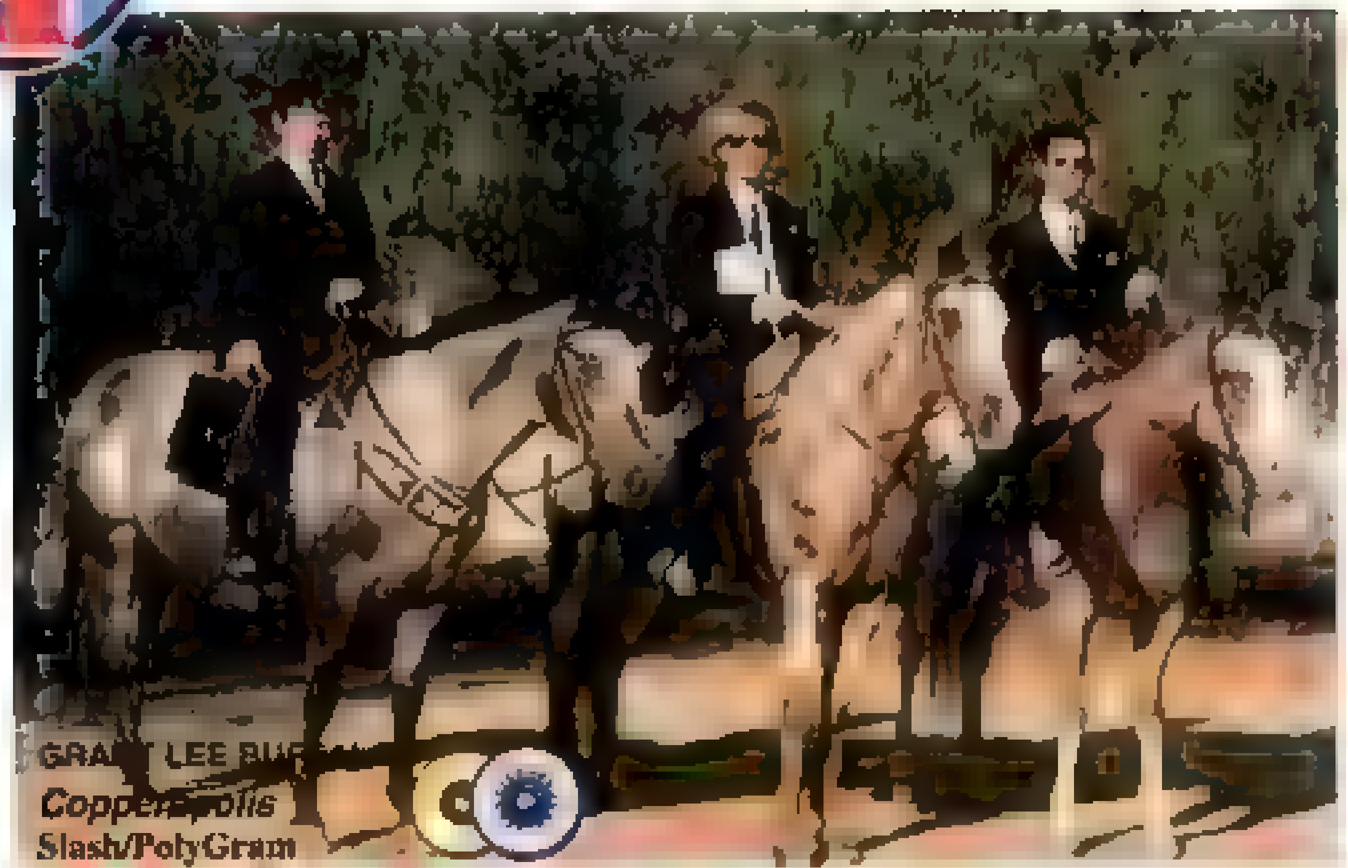
Metal depois da serra elétrica

Mudanças no White Zombie. Sai da capa e do encarte o diabão Rob Zombie e entram belas modelos, daquelas que freqüentam as melhores borracharias – e jornais populares – do pedaço. O heavy metal enlouquecido do grupo, que proporcionou um dos melhores shows do Hollywood Rock, cai fora para a entrada de DJs do quilate de Dust Brothers (que trabalharam com os Beastie Boys) e P.M. Dawn. Só que o som continua ensandecido.

Os integrantes do White Zombie já foram definidos como personagens de filme Z de terror. Em *Supersexy Swingin' Sounds*, os tais personagens passaram por uma serra elétrica – talvez cortesia de Leatherface, de *O Massacre Da Serra Elétrica* – e, picotados, foram reconstruídos por algum cientista maluco. Resulta num som pesado, bom para as pistas, melhor para a cabeça, álbum de ponta do tal metno, a mistura de heavy metal com tecno. E você ainda ganha de quebra a bela versão de "I'm Your Boogie Man", hit da época disco de K.C. & The Sunshine Band.

Sérgio Martins

WHITE ZOMBIE
Supersexy Swingin' Sounds
Geffen/MCA



GRANT LEE BUFFALO
Copperopolis
Slash/PolyGram

Música para não-estressados

[illegible]

SLEEPER
The It Girl
Indolent/BMG-Ariola

Jarvis Cocker de calcinhas

• Não sei não, com o Blondie voltando, vai ter muita bandinha mandando suas cantorinhas de volta para a cozinha. É claro que o Sleeper não corre esse risco. Com a inteligente Louise Wener (pode vibrar, massa feminina, in-te-li-gen-te!) no comando, o quarteto britânico não precisa de boias para nadar no pântano pop. As letras têm excelentes [illegible]. Ela lê todas as dicas de economia doméstica de Dostoievski, inventa "Lie Detector". Eu sabia que a gente [illegible] nos odiamos as mesmas pessoas, belisca "Sale Of The Century". Autopsiando relacionamentos [illegible] Louise seria um Jarvis Cocker (o cara do Pulp) de saias, caso as usasse. De calcinhas compridas mesmo, ela é ela mesma. E está bem bacaninha assim.

Pedro Sá

INNER CIRCLE
Da Bomb
WEA

Já vale pelo primeiro som

• O baixista Ian Lewis é um dos gordões do Inner Circle. Em 1986, seis anos depois da morte do vocal Jacob Miller, a alma da banda, Ian estava em casa de chinelos, sentado diante da TV, assistindo à entrega do Grammy. "Foi doloroso. Algum tempo antes era eu que estava ali, recebendo prêmios." O tapa foi forte: fez com que o Inner sacudisse o mofo, voltasse à ribalta e desse a partida para uma nova longa temporada de sucesso, especialmente no Brasil.

Está saindo agora o álbum *Da Bomb*, um bom exemplo da osmose que continua rolando entre as bandas de reggae, rap, hip hop, soul funk e charm. Mas é no reggae, especialmente nas levadas mais tradicionais, como "Book Of Rules" (clássico dos Heptones nos anos 70), "Tell Me", "I Think I Love You", "Reggae Music Is Life" e "Our Love", que eles arrebentam (mesmo [o] vocalista Kris Bentley, que entrou no lugar de Carlton Coffie, está plenamente aprovado).

Recado para regueiros psicóticos: só a versão de "Book Of Rules" já vale o disco.

Otávio Rodrigues

SIMBOLO
Music From The Masses
Cri Du Chat/Eldorado

Missa eletrônica

• Os televangelistas não são os únicos a se valer da mídia eletrônica para passar suas mensagens de fé. O Simbolo, projeto industrial-eletrônico do paulista Martin Costa, inspirou-se num livro contendo rezas e poemas religiosos do século passado para lançar *Music From The Masses*.

A influência do Depeche Mode é confessa: o álbum inclui uma cover de "Never Let Me Down Again". Mas nada do vocal empostado de Dave Gahan – o papo aqui é aquele tom "o armagedon está na esquina do industrial".

O Simbolo canta [illegible] em português, mas fornece as letras em inglês. Mas como toda carola de igreja sabe, não vale o que o padre prega, e sim o rapapé da missa. E nisso o Simbolo [illegible], fazendo programações e seqüências inspiradas que passam [illegible] especialmente na boa faixa instrumental "Miracles".

[illegible]

VÁRIOS
America Is Dying Slowly
Eastwest/Continental

Rap na borracha

• *America Is Dying Slowly* é a mais nova produção do movimento Red + Hot, e a primeira iniciativa que organiza os rappers americanos contra o avanço da Aids. Veio numa boa hora – o gangsta rap continua levando paulada na mídia americana e o assassinato de 2Pac Shakur não ajudou nada a melhorar a imagem dos caras.

Recentemente, dois artistas conhecidos – Eazy E e Sugar Shaft, do conjunto X Clan – morreram de causas relacionadas à Aids. E aí a galera percebeu que essa doença cresce cinco vezes mais rápido na comunidade negra do que qualquer outro grupo nos Estados Unidos (pelo menos é o que diz a capinha do CD). Pena que o disco não afasta a sensação de que o rap anda mesmo paradão. Só a faixa de Coolio, "I Breaks 'Em Off", rap melódico que garantiu o sucesso do rapper por aqui, e a do De La Soul, "The Hustle", valem mesmo o álbum. Wu-Tang-Clan, Fat Joe, Organized Confusion, Goodie Mob e outros também passam pelo disco, todos mais ou menos reproduzindo a idéia de uma das faixas, "No Rubber, No Backstage Pass" (sem a "borracha" não entra na área de diversão).

Ensor Paiano

ELECTRONIC
Raise The Pressure
WEA

New Order sem rumo

• Este não é um CD eletrônico. É um CD fatalista. Segundo o próprio Electronic, não tem saída. Duas grandes cabeças, Bernard Sumner, ex-New Order, e Johnny Marr, ex-Smiths, num novo projeto com [illegible] faixas melancólicas, expansivas, bem produzidas e com letras [illegible]. Ouça esse som: [illegible] para sempre."

O projeto gráfico, de Peter Saville, é interessante. O som às vezes parece Smiths, às vezes Erasure e às vezes até Pet Shop Boys. Na sua maioria, *Raise The Pressure* lembra um New Order sem rumo: muito chato. É um lamento sobre a Inglaterra da apatia e das drogas. Mas, por favor, a trilha de *Trainspotting* é bem mais eficiente e ainda soa atual.

Jan Fjeld

LORY F. BAND
Lory F. Band
Cogumelo/Velas

Talento abreviado

• Lory Finocchiaro é um achado. Canta bem, com um timbre vocal que lembra os melhores tempos de Rita Lee. [illegible] rock na veia [illegible] populares com desenvoltura. Um talento grandioso que brilha neste CD, que leva o nome desta banda, a Lory F. Band.

Nova estrela? Pura ilusão. Lory morreu de Aids há três anos. Mas graças ao empenho de suas [illegible] Laura e Deborah, o público poderá curtir canções [illegible] como "Baleada Noturna", "Time Runaway", "Vantagem", "Pro Amor Vencer [illegible] Paz" e "Vício", gravadas antes de sua morte prematura. Se é mórbido ou não, dane-se. A música dessa mulher precisa ser curtida, mesmo sem a sua presença física. Ouça no volume máximo!

Fabian Chacur

ISLEY BROTHERS
Mission To Please
Island/PolyGram

Baladas que derretem

• Quem disse que [illegible] sempre cor-de-rosa? Encarar uma baladona pela frente é [illegible] de macho, principalmente se quem estiver cantando for um certo Ronald Isley. Ao lado [illegible] Isley, esse cidadão tem sido, ao longo dos últimos [illegible] responsável pelo encharcamento de lenços em todo mundo. Resistir à sua voz [illegible] que faz o clássico "Highways Of Me"? – sem se derreter é tarefa hercúlea.

Pois bem, depois de cinco anos de ausência, os Isley Brothers reaparecem com *Mission To Please*, produzido por fãs-que-se-tornaram-mestres [illegible] R. Kelly (que convidou Ronald para participar de seu disco, *R. Kelly* e do clip da música "Down Low"), e o bacana Keith Sweat. *Mission To Please* é um álbum quase covarde. Tem um balanço charmeiro ("Floatin' On Your Love") e uma sucessão de baladonas de apertar o coração. A faixa-título e a inacreditável "Tears" são as [illegible]

Carlos Albuquerque

FITO PAEZ
Euforia
WEA

Miséria como espetáculo

• Fito Paez define *Euforia* como a miséria humana desenhada sob a aparência do espetáculo [illegible] forma de discurso. O álbum tem um tratamento primoroso, a começar pelos 36 músicos que participam, e pelo repertório. Começa com "Y Dale Alegria A Mi Corazón", no clima festivo das torcidas de futebol, passa pelo surrealismo de "Cadaver Exquisito" e "Mariposa Tecknicolor", explode em "Circo Beat" e se fecha com o agradecimento a [illegible] pela possibilidade que ele teve de se tornar [illegible] obra-prima do *pop-rock argentino*.

Marcio Pinheiro

só para enfeitar a mesa de centro

[illegible]

BIOPSY
Nervate
Cri Du Chat/ Eldorado

Dance music no acelerador

• O Biopsy oferece de bandeja o que desejam os brancarrões mais desesperados peso, vocais distorcidos, BPMs acelerados e samplers supersônicos de guitarras. A faixa mais retrabalhada do disco, "Sonic Suppuration", não deixa nada a dever a KMFDM e congêneres.

Fabrício e Guilherme, que também integram o Aghast View, usam o Biopsy para diversificar a mistura de suas influências (amplas, pelo que o disco mostra). A dupla baseada em Campinas mostra-se esperta na distribuição de timbres pelas faixas. Mas a barulheira bem-produzida encontra uma boa justificativa quando eles tiram o pé do acelerador por alguns minutos e cometem uma bela música como "Enclosure".

Marcos Sommer

SCHEER
Infliction
4AD/WEA

A nojeira que satisfaz

• 1º **Mandamento:** Qualquer banda de rock com uma mulher cantando deve ser levada em consideração.

2º **Mandamento:** Qualquer banda com um gorducho em sua formação é *cool* por antecipação.

3º **Mandamento:** Qualquer banda que apareça tocando em seu clip ganha um ponto positivo.

O grupo irlandês Scheer cumpre esses três pré-requisitos e... bingo! Faz rock da boa e bem-produzido (o culpado é um cara chamado Head, que buncou *Dry*, da P.J. Harvey). O som é turbinado, tem melodia e vocal mixado lá no fundo. Nada de espantoso mas o Scheer cumpre me bom essa proposta que o Velocity Girl por exemplo. A vocalista Audrey Gallagher mata a pau no single "Wish You Were Dead".

O único escorregão deste *Infliction* acontece quando o Scheer se mete a fazer baladinhas com "cara de 4AD" (gravadora que tem em seu catálogo Dead Can Dance e Cocteau Twins). Tirando essa pretensão, vale o investimento. E, além de tudo, a capa deste CD é nojenta...

Paulo César Martin

MORAES MOREIRA
Estados
Virgin

O dono da praça

• A praça é do povo mas é também, com toda certeza, do Moraes Moreira. Pelo menos em três faixas ela é sua e cenário principais de *Estados*, álbum que tem como inspiração o Rio São Francisco – "Aroldo Jungle", "Carangueijo Dance" e "Oxalá (A Praça Dos Independentes)".

A mistura de ritmos tem tudo aquilo que a gente já sabe, mas ainda assim sacode os ossos. Moraes realiza a sua estrada pluralista e vitoriosa nos ritmos populares. Festeiro por natureza, o compositor baiano invoca uma turma já desencantada: Chopin, Rafael Rabello, Guerra Peixe e muitos outros – para se juntar aos vivos e deixar cair, ou subir, sei lá.

A cozinha caprichada na percussão, a metaleira vem junto, está armado o batuque. Pelo caráter pedagógico, destacamos o frevo "Sinal De Vida", com o belo refrão – "Quê morrê filo da puta?". Outra lustrosa é "Brasileiro Jazz", uma boa idéia poética realizada em requinte refazendo o arco-íris que nos levou de Jackson Do Pandeiro ao samba-rock meu irmão. O álbum fecha com "Filosofia" – um bom resumo para a carreira de Moreira.

Apesar de alguns escorregões da nostalgia ("Feiticeira de No Ar", parceria com o novo baiano Galvão, ficou auto-referente em demasia, quase um "Preta Pretinha 2"), Moraes demonstra vitalidade e pena afiada. Solta os bichos, garotão!

Marcus Veras

RÁPIDO & RASTEIRO

Muita gente aposta que a música country vai emplacar de vez no Brasil. Não é à toa que as gravadoras estão despejando vários títulos interessantes com a turma das botinas e chapéu. O melhor de todos é **Music For All Occasions** (MCA), da banda americana **MAVERICKS**. O vocalista Raul Malo incorpora o fantasma do falecido Roy Orbison em faixas como "Foolish Heart" e "Somethin' Stupid", antigo hit de Frank Sinatra – também regravado por Ali Campbell, do UB-40. Com pura ambientação de Nashville do começo dos anos 60, é um *must* para saudosistas. Bem mais moderno que o pessoal dos Mavericks é a **CONFEDERATE RAILROAD BAND**, que tem o CD **Greatest Hits** lançado pela Continental. Com um som pesado e cheio de sangue, eles não ligam para o country tradicional e brilham em rocks como "Elvis And Me". No meio de todos esses lançamentos tem até uma trilha de filme. **Pure Country** (MCA), com o cowboy-galã **GEORGE STRAIT**. O vocal pelo nariz incomoda um pouco, mas pelo menos ele se cerca de bons compositores, como Glenn Frey (guitarrista dos Eagles) e J.D. Souther. **VINCE GILL**, outro astro que mescla novos timbres a country music, aparece no imperdível **High Lonesome Sound** (MCA). Ele presta uma homenagem ao lendário Buddy Holly em "One Dance With You" e "Down To New Orleans" é um passeio pelas raízes da música americana. Vale a pena. As damas caipiras também dão o ar da graça. A superstar **REBA MCENTIRE** aparece com **Starting Over** (MCA), em que canta country convencional, como "Five Hundred Miles Away From Home", de Bobby Bare, e algumas covers – vide a versão dela para "You Keep Me Hanging On", antigo hit das Supremes. O pacote termina com **It Matters To Me** (Continental), da beldade **FAITH HILL**. É um disco pelo qual vale a pena correr atrás, já que a moça tem um talento equivalente à sua beleza.

Paulo Cavalcanti

Bolsa de discos

		Carlos Albuquerque (Hamburgo)	Claudia Giachi (Brasília)	Claudio L. de Souza (Juiz de Fora, MG)	Magnamoon Brito (Campina Grande, PB)	Jimi JPG (Rio de Janeiro, RJ)	Leticia Caimon (Santos, SP)	Marcio Pinheiro (Rio de Janeiro, RJ)	Marcos Filippi (Ribeirão Preto, SP)	Roberto Maia (Uberlândia, MG)	Thaiss de Menezes (Rio de Janeiro, RJ)
8,6	R.E.M. *New Adventures In Hi-Fi* WEA	8	9	10	8	8	10	8	7	9	9
8,1	PEARL JAM *No Code* Sony	7	8	6	6	9	9	•	8	9	9
7,4	BLACK CROWES *Three Snakes And One Charm* BMG	8	8	6	8	8	7	•	7	8	7
7,3	TOM PETTY *She's The One* WEA	6	7	8	7	8	8	6	5	8	10
6,8	PATO FU *Tem Mas Acabou* BMG	7	8	5	8	5	8	7	8	6	6
6,7	SCREAMING TREES *Dust* Sony	•	7	3	9	9	8	•	7	8	3
5,5	LULU SANTOS *Anti Cicione* BMG	7	7	3	7	4	6	5	5	4	7
5,3	PRINCE *Chaos And Disorder* WEA	7	•	0	7	6	•	•	•	6	6
4,9	SEX PISTOLS *Filthy Lucre-Live* Virgin	0	5	6	6	2	3	3	8	7	4
4,5	CAETANO VELOSO *Tieta Do Agreste* Nonesuch	•	•	0	7	0	5	8	4	7	5

SWEET JANE
ROCK RECORDS
(011) 288-4847
fone/fax
LANÇAMENTOS RECENTES
CATALOGO / BEST SELLERS
AV. PAULISTA, 726 Loja-9 - São Paulo - SP

CD's • VHS
LD's
LONDON CALLING
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • CURE • • MADONNA • OASIS • • REM • BLACK SABBATH • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

PARA ANUNCIAR LIGUE, (011)
867-3100
REVISTA SHOWBIZZ
EDITORA AZUL

INVASOR
ALTERNATIVE MUSIC
CDs • LPs • MDs • VHs • EUA, EUROPA, JAPÃO
LANÇAMENTOS - RARIDADES - BOOTLEGS
COMPRA - VENDA - TROCA
CDs NOVOS E USADOS
[illegible] PARA TODO BRASIL
ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITOS
AV. DOM LUIS, 595 ALDEOTA FORTALEZA/CE BRASIL
FONE/FAX: (085) 224-3868 - TEL.: (085) 988-8998
CEP.: 60160-230
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: BANANA SCRAIT

Para acordar mortos

Em primeiro lugar, caro leitor, você não vai ler aqui que este disco é um tributo ao gênio Kurt Cobain ou que ele morreu pelo rock. Não vamos vomitar clichés preguiçosos e insultar sua inteligência. A resenha da revista *Rolling Stone*, por exemplo, diz espertamente que **From The Muddy Banks Of The Wishkah** é "a última oportunidade para traumatizar o cachorro da família". Especula-se que Krist Novoselic tenha ouvido mais de cem horas de gravação e escolhido momentos que retratassem o [redacted] como ele era, os altos e baixos da banda ao vivo.

Meu palpite é: o álbum pode ser entendido de duas maneiras bem diversas.

Primeira: o estômago do ouvinte tem o direito de ficar possuído pela úlcera de Kurt Cobain ao notar quão incansável e a mórbida e escrota indústria cultural, sempre regurgitando produtos para saquear dinheiro às custas de sua memória afetiva. Perfeitamente compreensível. Sentir uma certa dormência, uma indiferença por impactos déjà ouvidos, também é natural. O cara pode simplesmente encarar *From The Muddy...* como um último pingo, aquele que fica na cueca, anos-luz depois do orgasmo.

Mas – segunda maneira – o disco tem toda a capacidade de fazer o camarada relaxar (ou travar a alma, sei lá), e gozar. MUUUITO! Não importa que a voz de Kurt (seu predicado mais impressionante, pela desmedida com que a soltava, estraçalhando o gogo sem pensar no show de amanhã ou sequer na música do bis) esteja um [redacted] – como "Breed" ou aquele de faça questão de desafinar a guitarra no limar do insuportável durante "Milk It". Tudo isso fazia parte do show. E o show do Nirvana era o que havia. Maravilhoso ao sacanear o público, anunciando "Tourette" como "The Eagle Has Landed" (do Saxon, uma banda que, graças ao Nirvana, boa parte dos leitores não conhece), ou ao fazer o primeiro minuto de "Spank Thru" soar como Creedence Freakwater Revival. Kurt deixa a gente com vontade de gritar, elogiando: "*Feladaputa* esse cara!" Entre as duas reações, fica a constatação acima de juízos emocionais: com nostalgia ou sem nostalgia, com exploração de idolatria ou não. *From The Muddy...* é de acordar os mortos!

Pedro Só

Bruce Dickinson e Janick Gears, numa época mais gloriosa do Iron Maiden

Dinossauro canonizado

Quando os *metálicas* cortaram o cabelo, muitos decretaram o [illegible] heavy metal. Eu discordo: o metal só vai acabar quando Steve Harris podar suas madeixas. O baixista e líder do **IRON MAIDEN** é o irredutível defensor do estilo. Esta é a conclusão ao ouvir a nova "Virus", um típico heavy oitentista com seus seis minutos e trinta segundos, primeira faixa da maravilhosa caixinha do Iron batizada **The Best Of The Beast** (EMI Music). São 27 [illegible] distribuídas em dois "*pictures CDs*" e um libreto impecável com fotos, letras e uma elucidativa árvore genealógica elaborada à mão pelo meticuloso Pete Frame. Eddie se apresenta na capa em múltiplas situações, contrariando o que Harris me disse em 1993 sobre a aposentadoria do monstrão.

[illegible] de outrora, gostei mais do segundo CD, que traz somente [illegible] do passado, como "Wrathchild", "Sanctuary" e "Run To The Hills". No primeiro, dispensaria as músicas com Blaze Bayley, inclusive a nova. Harris tenta estender o status glorioso do passado para a fase atual, mas esta coletânea tem um quê de póstuma. Seria um encerramento digno de uma banda que merece todo respeito do mundo.

The Best Of The Beast é indispensável para quem [illegible] goste de umas porradas na [illegible]. Mostra as [illegible] do maior expoente de um estilo que luta para sobreviver na sua forma bruta. Os que [illegible] a volta do [illegible] tiveram de adaptar novos elementos na música para [illegible] — vide Metallica [illegible] — que Steve Harris se recusa a fazer. Por isso é que o poderoso vocalista Bruce Dickinson abandonou a banda. Comparando *Skunkworks*, último álbum de Bruce, com *The X Factor*, acho que musicalmente Mr. Dickinson saiu ganhando.

Discussões à parte, esta caixa canoniza definitivamente o Iron como uma das mais empolgantes bandas de rock pesado de uns 20 anos para cá.

Gastão Moreira

Fúria assassina

Se você não conhece o começo da carreira do **MOTORHEAD**, o "Ramones do heavy metal", o relançamento pela Castle de cinco CDs remasterizados, cobrindo o período de 1979 a 1982, é a chance de recuperar o tempo perdido. A banda está com sua formação mais afiada: Ian "Lemmy" Kilmister (baixo e vocais), "Fast" Eddie Clarke (guitarras) e a bateria ultrasônica de Philty "Animal" Taylor. A velocidade, o peso e a fúria assassina que o trio imprimia a cada canção tornaram-se a marca registrada do grupo até hoje.

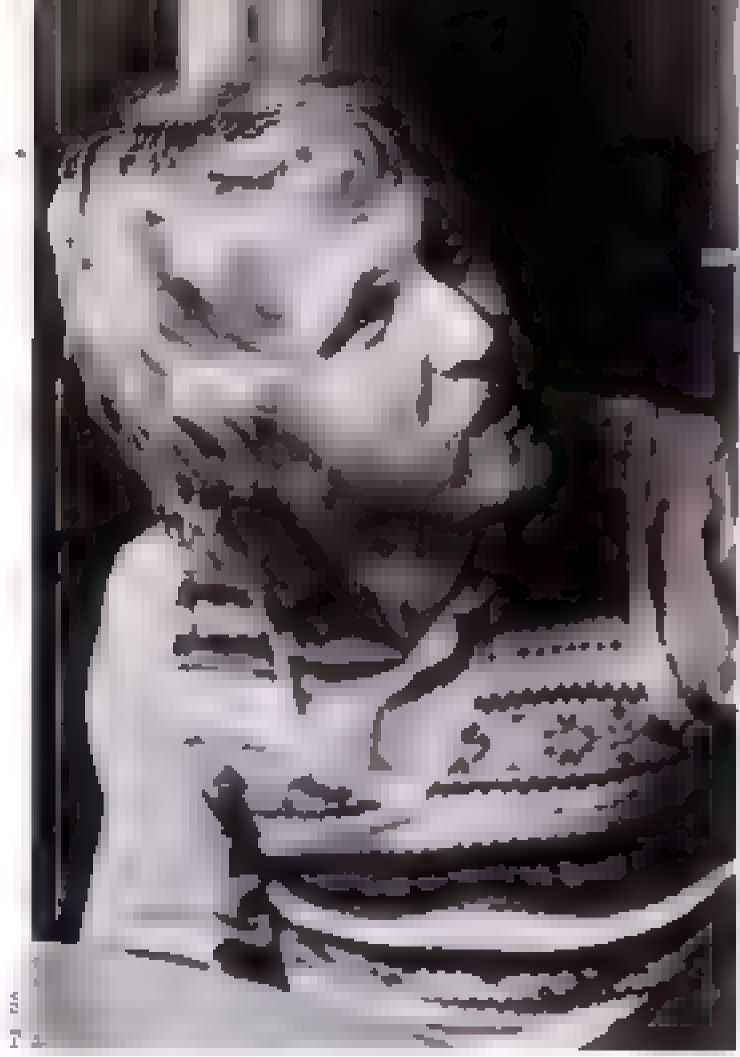
Overkill (1979) é o primeiro grande momento da carreira do grupo. A voz de Lemmy, infiltrada por litros de Smirnoff e toneladas de Marlboro, está mais terna do que nunca. O disco contém hinos como a faixa-título, "Stay Clean" e "No Class". **Bomber**, lançado no mesmo ano, está um degrau acima em violência e um abaixo em inspiração. Ainda assim traz petardos como as clássicas "Dead Man Tell No Tales" e "Stone Dead Forever".

Em 1980, o Motorhead gravou sua obra-prima de selvageria e brutalidade: **Ace Of Spades**. É um disco visceral, com um single fantástico (a faixa-título), para ser ouvido a todo volume. Canções como "Bite The Bullet" ou "The Hammer" são coisas de gênio.

No Sleep Till Hammersmith é um dos três melhores álbuns ao vivo de todos os tempos. Todos os hits estão lá, mais animalescos que nas versões de estúdio. **Iron Fist** (1982), último disco dessa coleção, é o mais fraco de todos. É o prenúncio de mudanças na formação original e de um longo período de altos e baixos. Não importa. Em apenas três anos, o Motorhead garantiu um lugar de honra na história do heavy metal.

Ivan Mizara

Lemmy Kilmister: amor eterno ao rock em cinco álbuns clássicos



Talentoso azarador

Ele ficou mais lembrado como amigo de porres de John Lennon nos anos 70, quando John se separou de Yoko Ono. Os dois costumavam azarar pelas noites de Nova York ao lado de Keith Moon (The Who) e Ringo Starr. Mas o cantor e compositor **HARRY NILSSON** (1941-1994) foi um dos mais talentosos astros pop do fim dos anos 60 e começo dos 70. Agora é hora de recordá-lo. A BMG está lançando um volume da série *Aplauso*, chamado **All Time Greatest Hits**, com 20 faixas de Nilsson. Aqui estão, por exemplo, gravações originais de músicas que fizeram muito sucesso com outros artistas, como "One" (com Three Dog Night), "Daddy's Song" (Monkees) e "Without Her" (Jack Jones). Ironicamente, Nilsson fez mais sucesso com covers, que foram "Everybody's Talking" (de Fred Neil, tema do filme *Perdidos Na Noite*) e "Without You" (do Badfinger, recentemente gravada por Mariah Carey).

Paulo Cavalcanti

Xuxa inglesa no ska

Se Xuxa tivesse nascido na Inglaterra, talvez ela tivesse o mesmo — e grandioso — passado de Pauline Black. À frente do **SELECTER**, um dos ícones do movimento 2 Tone, Pauline teve seu *affair* negro — no caso, o ska jamaicano — e comandou um programa infantil. Foi apresentadora do *Hold Tight*, dedicado aos baixinhos da terra da Lady D.

Mas, a exemplo da Xuxa — que em tempos dourados posava para a *Playboy* e *Ele & Ela* —, o que importa é o passado. **Greatest Hits**, do Selecter, revive o auge da banda. Tempo em que eles mandavam um ska da melhor qualidade, incrementado pelos vocais rascantes de Pauline Black. Tendo o guitarrista Noel Davis à frente, o Selecter passou de temas instrumentais para a mais pura expressão pop, emplacando "Missing Words", "Three Minute Hero" e "On My Radio", pérolas no cenário pop/punk inglês.

O grupo terminou em 1981. Pauline se voltou para os pirralhos. Mas a saudade apertou e o grupo ensaiou um *comeback* duvidoso em 1992. Entre o novo material e as outras canções do Selecter, fique com esta coletânea aqui. Seu "beijinho beijinho, pau pau" está garantido.

Sérgio Martins

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CAPRICHO: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, Tel. (011) 867 3000, Fax (011) 867 3300, São Paulo, SP
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231, sala 2500, Castelo, Rio de Janeiro, CEP 20030-021, Caixa Postal 48 [illegible], Tel. (021) 532-0313, Fax (021) 532 [illegible] 552-1580

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. [illegible] e Consult. Ltda., SCS Ed. Venâncio III, sala 202, CEP 70300, Brasília-DF, Tel. (061) 32[illegible], Fax (061) 224 3644
Campinas: CZ Press Com. e Representações Ltda., Rua Antônio Cesarino, 857, CEP 13015-291, Campinas, SP, Tel./Fax (0192) 32 7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação, Rua Edgar Borges, 8, sala 103, CEP 60050-000, Fortaleza-CE, Tel. (085) 254 1646, Fax (085) 2[illegible]
Minas Gerais: M A M Publicidade e Rep. es. Ltda., Av. Contorno, 8000, sala 10, Ed. Well S[illegible], CEP 30110-907, Belo Horizonte/MG, Tel. e Fax (031) 335 [illegible]
Paraná: M C Representações Comerciais, R. Cândido de Abreu, 526, cj. 604, Bloco B, CEP 80530-905, Curitiba/PR, Tel. (041) 253-4848, Fax (041) 252 2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda., Av. Marechal Câmara, 160, 9º andar, sala 929, CEP 20020-080, Telefax (021) 220-3162
Rio Grande do Sul: Print Sul, Av. da Azenha, 1602, cj. 206, CEP 90060, Porto Alegre/RS, Tel. (051) 223-9528, Fax (051) 2[illegible] 1005
Santa Catarina: By Sobranza, Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9, Cond. [illegible], Florianópolis/SC, Tel./Fax (048) 2[illegible] 0519
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda., Rua Fábio Ruschi, 42-A, Bento Ferreira, Espírito Santo, [illegible] 324 [illegible]

PRÁ QUEM ESTÁ DE CHEIO DE JINGLE BELL.

BOB MARLEY
O legítimo ritmo jamaicano em suas notas está presente neste CD do pai do reggae, em gravações que mostram porque ele é ainda o rei

MAACHO
Don't Mess With My Music
Um CD com a vibe quente do Maracatu e o segundo CD gravado pela JVC. Mistura o reggae jamaicano com a música tradicional brasileira e o jawaian

QUEEN SAMANTHA
Greatest Hits
Grupo que fez grande sucesso nas discotecas nos anos 70 foi eleito em 1995 nos EUA e está soando agora pela Movieplay

THE GREAT MARVIN GAYE
Live
Foi considerado um dos maiores James Brown em seus anos de soul e rhythm n' blues e serviu de modelo para os novos garotos. Este é um registro ao vivo de um de seus melhores momentos

DJ JUMP
Dance All Nite!
Os maiores sucessos em todas as pistas de dança para os amantes do gênero

DOLLY PARTON
O mais cultuado country interpretado pela mais famosa cantora do gênero no mundo

WISHBONE
É o primeiro CD do grupo americano que rock é praticamente uma sequência de Led Zeppelin e Whitesnake

Movie Play. A trilha sonora do seu Natal!

MOVIE PLAY

Qualidade em Música de Qualidade

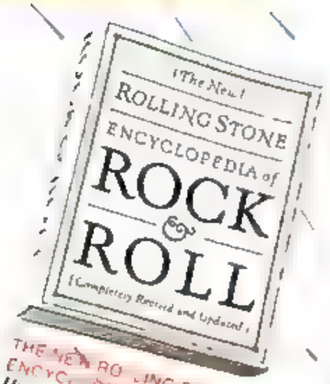
Tel.: (011) 3115.6833 , Fax: 3115.0433

Já a venda nas lojas

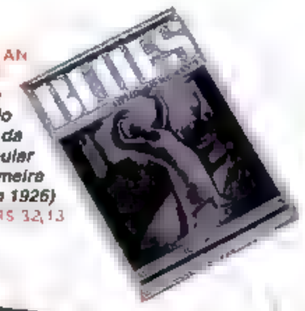
Enjoy it

Rock é cultura

Conheça a história do rock 'n' roll nas enciclopédias de música

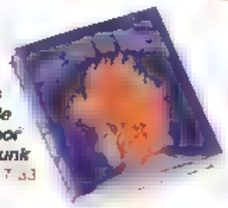


THE NEW ROLLING STONE ENCYCLOPEDIA OF ROCK & ROLL
Uma das mais completas enciclopédias de rock do mercado. De Abba a ZZ Top, com biografias resumidas e confiáveis
R$ 46



BLUES: AN ANTHOLOGY
Saiba tudo sobre a história do blues na Bíblia da Música Popular Americana (a primeira edição saiu em 1926)
R$ 32,13

ROCK LIVES
Compilação de entrevistas feitas pelo ex-editor da Rolling Stone, Timothy White. Destrincha a vida e a obra dos grandes astros da música. De Chuck Berry a Bon Jovi
R$ 45,90



THE ART OF ROCK
Livro de bolso com o melhor das artes gráficas dedicadas ao rock. Dezenas de pôsteres da década de 50 passando por folk, psicodelismo, mod e punk
R$ 17,33

SHE BOP: THE DEFINITIVE HISTORY OF WOMEN IN ROCK, POP AND SOUL
Um dos poucos livros a traçar a história da mulher na música pop. Escrito por uma mulher, obviamente
R$ 27

THE BLACKWELL GUIDE TO SOUL RECORDINGS
Quase 500 páginas sobre a música negra americana. Discografias e biografias divididas por critérios geográficos: Aretha Franklin, você acha em Nova York, Sam Cooke, em Los Angeles...
R$ [illegible],8

SPIN ALTERNATIVE RECORD GUIDE
O universo do chamado rock "alternativo": Buzzcocks, Helmet, Beck, Pixies e até Tropicália (!) pintam como verbetes
R$ 50

THE PENGUIN ENCYCLOPEDIA OF POPULAR MUSIC
Enciclopédia básica de A a Z, perfeita pelo didatismo e pela quantidade de artistas: mais de três mil biografias e discografias
R$ 32,[illegible]8

THE FABER BOOK OF POP
O pop americano desde o fim da Segunda Guerra até hoje. Relaciona a música com todas as formas de cultura e inclui textos de Malcolm X, Tom Wolfe e Andy Warhol
R$ 43,[illegible]8

WORLD MUSIC
Panorama completíssimo sobre a world music feita em todos os continentes. Inclui até explicações sobre forró e axé
R$ 36,[illegible]05

FEEL LIKE GOING HOME
Belíssimas fotos raras, todas em preto-e-branco, emolduram a história dos grandes mestres do blues e dos precursores do rock'n'roll
R$ 25,42

CLASSIC ROCK
Luxuoso e colorido, faz um apanhado dos nomes clássicos do rock'n'roll. Inclui a lista dos 50 rocks mais tocados em todos os tempos
R$ 26,08

ONDE ACHAR

LIVRARIA CULTURA - Avenida Paulista, 2073 - Conjunto Nacional, São Paulo, SP. Fone: (011) 285-4033. E-mail: livcult@embratel.net.br Vendas para todo o Brasil, sob encomenda

SARAIVA MEGASTORE - Shopping Center Eldorado, 1º piso, São Paulo, SP. Fone: (011) 212-5222.

LEONARDO DA VINCI - Avenida Rio Branco, 185, subsolo, loja 2, Rio de Janeiro, RJ. Fone: (021) 240-1254

Se você quer vencer, vença a si mesmo.

Be Your BEST

Não é só o impacto visual que está por trás do design e cores dos nossos tênis.

2. Para se ter uma idéia, essa mesma tecnologia é utilizada para diminuir os atritos dos foguetes.

Uma inovação que só a Asics possui. E que pode estar agora mesmo nos seus pés.

1. O Gel Asics é o mais avançado sistema de absorção de impacto. Foi desenvolvido para reduzir o impacto do choque constante dos pés com o solo, que chega a ser de até 3vezes o peso do corpo.

asics

http://www.asicstiger.com

New wave é a maior onda

Teste

Volte aos anos 80 e veja o quanto de gel restou na sua cabeça

1 O Duran Duran foi o supra-sumo da estética new wave dos anos 80: maquiagem carregada, cabelos coloridos e indumentária rococó. O nome da banda foi tirado de um personagem de um filme clássico da década de 60:
a) Easy Rider
b) Barbarella
c) Blow Up
d) E Deus Criou A Mulher
e) Roberto Carlos A 200 Km Por Hora

2 Misturando referências futuristas com o kitsch dos anos 60, o B-52's deu seu primeiro show em 1977, numa festinha de Dia Dos Namorados em Athens, Geórgia, EUA. O terceiro álbum da banda, Mesopotamia, de 1982, foi produzido por um grande nome da cena nova-iorquina:
a) Mister Sam
b) Nelson Motta
c) Joey Ramone
d) Arto Lindsay
e) David Byrne

3 Originário da cena de Nova York, o Blondie, cuja vocalista Debbie Harry foi um dos maiores símbolos sexuais do pop, emplacou seu grande sucesso depois de participar da trilha sonora do filme Um Gigolô Americano com a música:
a) "Heart Of Glass"
b) "Atomic"
c) "Freak Le Boom Boom"
d) "Call Me"
e) "Come All Over Me"

4 O Culture Club foi formado em Londres em 1981. Boy George, precursor das drag queens, dedicou várias músicas a um baterista que o trocou por uma mulher. O nome do bofe é:
a) Phil Collins, do Genesis
b) Stewart Copeland, do Police
c) Jon Moss, do Culture Club
d) Roger Taylor, do Duran Duran
e) Marcelo Bonfá, da Legião Urbana

5 Antes de formar o Pretenders em 1978, a cantora americana Chrissie Hynde, radicada na Inglaterra desde os 23 anos, trabalhou em vários lugares famosos da cena londrina. Entre outras coisas, ela foi:
a) repórter do semanário inglês New Musical Express e vendedora da loja Sex, de Malcom McLaren
b) modelo de Vivienne Westwood e atriz do musical Cats
c) traficante de heroína em Picadilly Circus e recepcionista da casa de shows inglesa Brixton Academy
d) garçonete da casa de shows Marquee e manicure em Oxford Street
e) DJ da Sound Factory e camelô em Camden Town

6 Depois de largar o grupo Generation X em 1981, o inglês Billy Idol se mudou para Nova York e lançou-se em carreira solo. Um de seus maiores sucessos fazia parte do repertório da ex-banda:
a) "Ridiculous Sneer"
b) "Eyes Without A Face"
c) "Fingering Myself"
d) "Humanos"
e) "Dancing With Myself"

7 Formado em 1973, em Nova York, foi só em 1977 que o Television gravou seu primeiro álbum, Marquee Moon. Nessa época, um de seus fundadores e inventor do look cabelo espetado-roupas coloridas rasgadas, já tinha saído.
a) David Bowie
b) Arto Lindsay
c) Richard Hell
d) Tom Verlaine
e) Richard Lloyd

8 O Devo teve seu primeiro álbum, Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!, produzido por Brian Eno. O nome do grupo vem de uma palavra que, segundo os próprios integrantes, explica a visão de mundo da banda:
a) de-construction
b) de-evolution
c) de-vastation
d) de-evacuation
e) de-vironment

9 Representante máximo da facção tecnopop, o Human League, com três vocalistas, chegou ao topo das paradas inglesa e americana em 1982 com o hit:
a) "Don't You Want Me"
b) "Human"
c) "Major Tom"
d) "Tainted Love"
e) "Is There Something I Should Know"

10 Mantendo a energia punk destilada com os Buzzcocks, o vocalista Howard Devoto montou o Magazine em 1977, em Manchester, com John McGeogh, que saiu do grupo em 80 para ser guitarrista de outra banda:
a) The Cure
b) Siouxsie And The Banshees
c) Grafite
d) Degradê
e) The Smiths

Clinton, o ETeimoso

Líder do Parliament e do Funkadelic, George Clinton é uma lenda do funk e ídolo-mor de Prince e dos Chili Peppers. Com o corpo do Tim Maia, a barba do Martinho da Vila e o jeito de doidão do Luiz Melodia, ele esteve no Brasil para o Free Jazz e falou à SHOWBIZZ.

George Clinton: funk do espaço sidera

Chegando perto dos 60 anos, você pensa em se aposentar?
Jamais! Vou tocar funk para sempre, inclusive no próximo milênio. Vim de outro planeta com essa missão e vou cumpri-la até o fim da minha permanência na Terra.

Quer dizer então que você é um ET? O selo na capa capa do novo disco *T A P O A F O M (The Awesome Power Of A Fully Operational Mothership)* faz menção à sua nave-mãe.
Eu e os caras que tocam comigo somos alienígenas.

Você é um dos caras mais sampleados do mundo. Recentemente, a cantora brasileira Fernanda Abreu teve problemas com advogados por samplear uma música sua. O que aconteceu?
O problema não foi com os meus advogados, mas com o produtor que detém os direitos do disco com o que ela sampleou. Também estou brigando com esse cara para receber o que é meu.

Se te chamassem a Brasília para falar sobre drogas no Congresso, o que você diria?
Diria que devem liberar. Todo mundo só quer saber do que não pode. A proibição só gera um submundo violento.

Você gosta de ser sampleado?
Não tenho nada contra. Instruí meus advogados para que cobrem, mas um valor que todos possam pagar. Mas, se alguém samplear e não pagar, tudo bem. Não precisam se preocupar, não vou botar ninguém na cadeia. O funk é o DNA do hip hop, é natural que isso aconteça. (Valério Campos)

"Meu rato de estimação é caolhinho, por isso dei-lhe o nome de Sammy. De Sammy Davis Jr."

Rob Zombie, do White Zombie, mau como um pica-pau, na *Rolling Stone*

Bon Scott vive, AC/DC arrasa

"Bon Scott não morreu. O vocalista do AC/DC está vivo, fez uma operação para trocar de sexo e mora nos Estados Unidos." Parece loucura, mas é o que diz a cantora Tori Amos, empolgada com a primeira contratação de seu selo Igloo Records. A banda Pet, que tem uma vocalista com o timbre parecido com o de Bon Scott (morto em 1980, sufocado pelo próprio vômito, depois de um porre colossal). "Nunca ouvi nada assim na minha vida", rasga Tori, que botou a Pet para gravar dentro de sua própria casa, na Irlanda.

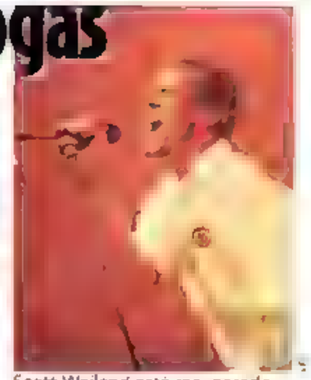
Quanto às andanças do AC/DC, a passagem do grupo pelo Brasil foi um sucesso absoluto. 35 mil pessoas foram ao Pacaembu ver um show inesquecível. Começou com "Back In Black" e contou com TODOS os hits da banda.

Veja se você ainda está com o cabelo meio-duro

acertos - B-52's - Pelas perucas do Fred Schneider, o elo perdido entre Zacarias e Tiririca! Que memória! 7 acertos - METRÔ - Você ainda sonha com Virgínie e seu bife acebolado. Carne de terceira... 6 acertos - ABSINTHO - Tantas noites com o ursinho Blau-Blau e você nunca mais ligou pra ele. 5 acertos - ELETRODOMÉSTICOS - Chuveu no seu chip e o gel correu cabeça adentro. A memória ficou em algum acorde do Degrade.

Resultado: 1-0 • 2-0 • 3-0 • 4-0 • 5-0 • 6-0 • 7-0 • 8-0 • 9-0 • 10-0

Chega de drogas



Scott Weiland está recuperado

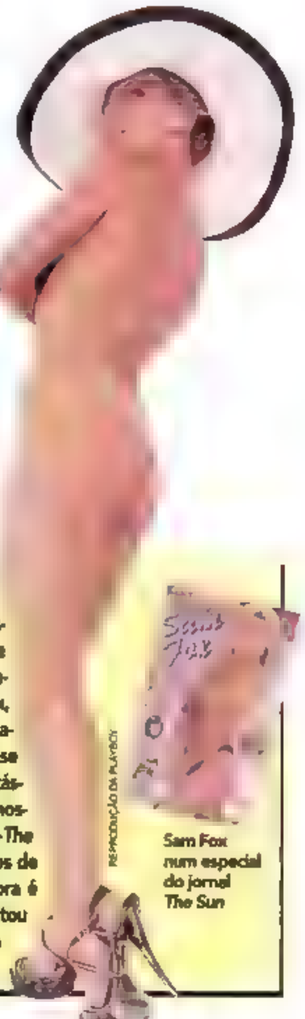
Baiano Novo

O guitarrista Davi Moraes, filho de Moraes Moreira, está destroçando na banda da namorada Marisa Monte. Em 1997, ele lança seu primeiro disco solo, atacando também nos vocais. Com produção de Tom Capone (Legião, Raimundos) e do velho Moraes, o álbum será um apanhado das influências de Davi. "Vai ter afoxé e música baiana. E pretendo também incluir algo dos Novos Baianos", revela.

Davi vai virar artista solo em 1997

Despeitada

"Estamos na era das top models, mas as pessoas estão cansadas de garotas magrinhas e sem peitos. Os homens nunca vão mudar: querem mulheres grandes", garante Samantha Fox, popstar nos anos 80. Alegados 30 anos, ela apareceu na Playboy americana mostrando quase tudo. "Me sinto extra-especial, confiante, fantástica!!!", peruela. Curiosamente, a revista não mostra nenhuma imagem página-3-do-jornal-inglês The Sun, espaço para jovens modelos com os seios de fora, de onde Samantha se projetou: a cantora é flagrada sempre com as mãos nos peitos. "Estou no estúdio e trabalho um novo disco", avisa ela, sem deixar de segurar o material.



REPRODUÇÃO DA PLAYBOY

Sam Fox num especial do jornal *The Sun*

rock around the interNET

por Claudia Grechi

• Esta é para os manguebeats e manguegirls. O que você queria saber sobre a lama e os caranguejos com cérebro está na home page do Manguebit (http://www.emprel.gov.br/~manghit/mangue.html). Lá se conta a história do movimento recifense, com bons links como o do espertinho Malcom McLaren e do programa de rádio do Manguebit e, é claro, Chico Science e mundo livre s/a. A page de Chico traz uma breve história do hip hop e do maracatu, as duas grandes influências do grupo. Na página do mundo livre, abra em Maxwell Smart. Sim, o Agente 86 é um dos ídolos de Fred 04! Max usava sempre a expressão "mundo livre", jargão do tempo da Guerra Fria. Tem também um ótimo texto-cabeça de 04, "Via Teleratica", sobre televisão. Curiosidade: a letra de "Desafiando Roma", que fala sobre o Comandante Marcos, estará na home page do Exército Zapatista... Salve 04, salve!

Science cibernético

• E já que o assunto é música brasileira inteligente, dê uma parada em uma das melhores pages dos Piratalmas do Sucesso: http://user.ecanet.net/~tpicolo/para.htm. A boa biografia traz curiosidades legais para os fãs. João Barone entrou no grupo, em 1981, quando era um simples espectador e substituiu o baterista Vital num show. Nesta época, Herbert estudava Arquitetura, Bi fazia Zootecnia e Barone, Biologia. Saiba também que foi através de uma fita demo mandada para o multi homem Maurício Valladares, da lendária Rádio Fluminense, que o grupo despontou para o sucesso. Pare, repare e dance com trechos de algumas músicas.

Herbert Vianna na Net

Ou ele ou eu!!!

Relaxado, Slash deixa escapar que há atritos entre ele e Axl

Deitadão na beira da piscina de um luxuoso hotel em Los Angeles, Slash sorve um grande copo de vodka, dá longas baforadas num fedido cigarro Gitanes e esclarece que as coisas não estão um mar de rosas no Guns N' Roses. "Há seis meses divulgaram que estávamos reunidos num estúdio e que estávamos muito sóbrios. Besteira!!! Só o Axl passou pelo estúdio. Estamos procurando fazer ensaios regulares. Mas quem liga pra isso? As pessoas só querem um disco novo!", diz.

Depois de três anos sem lançar um álbum pelo Guns, Slash revela que não quer inovar no próximo trabalho e deixa escapar que há uma briga entre ele e Axl. "Eu só quero fazer um disco básico de hard rock. Axl vai mesmo tocar guitarra e ainda haverá um outro guitarrista, com quem eu não quero tocar. Estamos discutindo sobre isso." O cabeludo se refere a Paul Huge, que entrou no lugar de Gilby Clarke a pedido de Axl Rose.

Gabriel, o sampleador

Depois do flopado segundo álbum *Ainda É Só O Começo*, Gabriel O Pensador está preparando o terceiro disco. Para garantir o sucesso, o rapper se aliou ao DJ Memê, midas das pick ups (vide *Eu E Memê, Memê E Eu*, de Lulu Santos) que já havia trabalhado, sem aparecer nos créditos, em seu badalado álbum de estréia. "Quero dar uma cara diferente para o meu trabalho e achei que ele é a melhor pessoa para fazer isso", diz o Pensador. Que cara é essa? Segundo Memê, é preciso acrescentar boas bases musicais às letras. "A música, que tem ficado em segundo plano nos discos do Gabriel, vai chamar tanta atenção quanto as palavras", explica o DJ. Ele não descarta a importância de um bom discurso: "As rádios não podem ignorar tanto talento. Gabriel é um grande contador de histórias." (Tatiana Tavares)

Gabriel chamou Memê para produzir seu novo álbum

VAI ROLAR...!!!

Johnny Rotten vem aí

BIG BANG FESTIVAL:
SEX PISTOLS, **SILVERCHAIR**, **BAD RELIGION**, **PORNO FOR PYROS**, **CYPRESS HILL**, **TRACY BONHAM**

29/11 - Rio de Janeiro (Praça da Apoteose)
30/11 - São Paulo (Anhembi)

Renato vive

Superposter ainda está nas bancas

Visivelmente emocionados, o guitarrista Dado Villa-Lobos e o baterista Marcelo Bonfá se reuniram na sede da EMI Music, no Rio, para divulgar oficialmente o fim do Legião Urbana. No entanto, três discos ainda serão lançados, a partir do final do ano que vem. O primeiro é totalmente inédito com as onze músicas que ficaram de fora de *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias*; o segundo é um CD ao vivo e o terceiro álbum contará só com inéditas alternativos registrados ao longo das gravações dos oito discos da Legião. Os últimos textos escritos por Renato, não serão utilizados comercialmente.

Enquanto isso, os fãs lembram do ídolo com a revista *SHOWBIZZ Especial Renato Russo*, que continua nas bancas, e o álbum *A Tempestade*, que já vendeu mais de 500 mil cópias.

1 Ligou o CD.
2 Virou video game.
3 Seu pai entra e vê você estudando.
CLICK-ASUS
Katana 97
O multimídia hiperativo
KATANA 133 M-TV
Processador Intel Pentium 133 MHz
Placa de vídeo: SVGA 2 Mb
Memória RAM: 16Mb
Floppy disk: 1.44 Mb
Disco rígido: 1.0 Gb
Windows 95 pré-instalado
Software Multimídia - 28 títulos
CD-Rom 8X
Controle remoto para recursos multimídia
Caixas de som amplificadas e microfone
Placa fax/modem/som 14.4 Boca Kombo
Teclado, mouse e mouse pad
Monitor SVGA 14" dot pitch 0.28mm entrelaçado
ViERCi COMPUTADORES
Informações: 0800 41 8008 ou nas revendas oficiais

+Bizzes

democracia

Mande demos para : *Democracia* - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

Brincando de Deus conseguiu lançar seu primeiro EP nos EUA

da Bahia para o mundo

Eles são os responsáveis por toda uma nova geração de bandas baianas que cantam em inglês. O Brincando De Deus existe desde 1992 e já é referência musical na capital baiana. Agora conseguiu lançar o EP *Playing God* nos EUA. Adoradores de Joy Division e Velvet Underground, Cézar (guitarra), Messias (vocal), Ruy (bateria) e Dalmo (baixo) lançaram o primeiro disco independente em Salvador mesmo, em 1994. "Quando começamos não confiávamos no mercado brasileiro alternativo. Então passamos a cantar em inglês, visando o mercado internacional. Nos enganamos: o povo baiano é eclético, gosta de tudo. No Pelourinho rola desde axé até thrash metal", diz Dalmo. Contatos: (071) 332-2764

PRIMUS À GAÚCHA

Red Hot Chili Peppers, Primus e a chula – ritmo folclórico do Rio Grande do Sul – são os ingredientes do Aqua Play, a banda que ganhou a penúltima etapa do Skol Rock, realizada em Blumenau, nos dias 12 e 13 de outubro. Os moleques saíram de Erechim, no Rio Grande do Sul, para detonar um som pesado e bem trabalhado – quem gosta de Primus ama Rush – que põe em evidência o baixo de Jean Monstrinho. "Cabeleira" foi a música vencedora.

"Quando estive no Brasil conheci bandas ótimas como Pin Ups e o Dash." As palavras de Dave Grohl na SHOWBIZZ de agosto deixaram a galera dos dois grupos em polvorosa. "Ele disse isso mesmo?", reagiram alguns dos integrantes. Empolgado, o Dash, que havia encerrado as atividades, resolveu voltar e lança disco novo no final de novembro. Saca a carta que a vocalista Simone mandou pra cá: "Aí está a horrível foto do regresso dos dashes, com a formação clássica e de maquiagem. Depois que o Formigão resolveu fazer sucesso com o Planeta Dos Macacos, ele ficou meio viadinho. Tão viadinho que resolveu bancar a masterização do CD. O disco saí pela Swindle Records, uma subdivisão da Ualé Maluô Music Inc.

P.S. Ualé Maluô é como o Formigão fala 'Qualé Maluco'."

A vocalista Simone, do Dash (à esq.), sacaneia o brother do Planet Hemp

sutil como um elefante

A capa do disco é definida por eles como "algo tão sutil como um elefante na vitrine". Mas *Conversa Fiada*, do grupo Os Canalhas, não tem só uma capa curiosa. Formado em 1992 por Freddy Malahavi (voz, guitarra e violão), Jadson Bororoca (bateria) e Felipe Markus (baixo), o grupo é irresistivelmente barulhento. "Nosso som ter a ver com punk, mas a guitarra não tem tanto peso. Somos influenciados por Iggy Pop e Sonic Youth", explica Freddy. E é assim, bem longe do êê-ôô do axé que a banda tem se apresentado pelos bares do Pelourinho. Mas o CD saiu apenas na Suíça. Freddy explica por que: "O Felipe é suíço e fizemos contatos por lá. Por isso o disco tem faixas em alemão e em inglês." Faça contato: (071) 398-0677.

LANÇAMENTOS

Da pureza do Blues de Clara à sutileza das baladas de Mona... sensacional!

EXCLUSIVOS

GRAVADORA MOVIE PLAY

Qualidade em Música de Qualidade

Tel.: (011) 605-3007
Fax: (011) 607-1323

"O Morro e o Asfalto no mesmo disco. Luiz Melodia mostra em suas composições que já sabia muito da vida naqueles tempos. Do Estácio para o mundo, um Canário Universal."
(Guto Goffi, Barão Vermelho)

PÉROLA NEGRA
Luiz Melodia

Algumas vidas se revelam como nota de rodapé, a sombra, o apêndice de um único gesto da juventude. Por mais que um artista queira se subtrair do estigma, este se impõe contra a vontade do criador, como letra marcada a ferro. Aos 46 anos de idade, o compositor e cantar carioca Luiz Melodia tenta esquecer em que ano estamos – exatamente como nos versos de "Pérola Negra", a faixa-título do seu primeiro LP, de 1973. Houvesse ele abandonado a carreira para virar contrabandista na África, como o poeta Arthur Rimbaud (outro maldito pelos feitos juvenis), ainda assim seria lembrado por causa de *Pérola Negra*. Estacou ali, aos 23 anos, num ano que todo mundo já esqueceu, salvo ele.

Melodia extraiu material do Estácio, bairro-berço do samba clássico, cuja forma foi fixada em 1931 pelos bambas do local, como Ismael Silva, Bide, Baiaco e Brancura. Seu pai, o violonista Osvaldo Melodia, freqüentava a roda de bambas, e o influenciou. O auxílio do pandeiro foi luxuoso. Mas Luiz não se via como pagodeiro. O blues e o pop tropicalista lhe eram também fundamentais. O Rimbaud do morro estreou aos 15 anos, num grupo de baile. Compunha sambas acantolados e rocks lisérgicos.

Mesmo que Luiz Melodia tivesse abandonado a carreira musical, ele sempre seria lembrado por causa de *Pérola Negra*

Pouco antes de os poetas Torquato Neto e Waly Salomão descobrirem suas músicas numa visita ao morro de São Carlos (hábito desenvolvido pelo artista plástico Hélio Oiticica), Melodia pensou em parar, em trocar a música pelo serviço de garçom numa academia de ginástica. Waly, então, levou uma fita com "Pérola Negra" para Gal Costa. Ela gravou a música e passou a atuar como divulgadora do seu trabalho. Contratado pelo empresário Guilherme Araújo, ele terminou por ser convidado para gravar um disco pela Philips.

Pérola Negra traz dez faixas arranjadas pelo violonista Perinho Albuquerque. Um solo de flauta de Canhoto, acompanhado por seu regional, dá a largada à eternidade de Melodia, no samba "Estácio, Eu E Você", inspirado em Cartola. A segunda faixa já é um blues, "Vale Quanto Pesa", em instrumentação acústica. O destaque é o refrão dos metais, enquanto Melodia canta "ai de mim de nós dois". Rildo Hora preludia com a gaita o samba-canção "Estácio, Holly Estácio", peça fundamental do desbunde setentista: "Trago não traço/ Faço não caço/ E o amor da morena maldita/ Domingo no espaço". Versos assim vincaram uma geração.

O rockão "Pra Aquietar" – em estilo Dededrim (inseticida) traçado pela guitarra do soulman carioca Hyldon – conserva em formol um passeio suburbano à calorenta Ilha De Paquetá. "Abundantemente Morte", "Pérola Negra" e "Magrelinha" são blues interligados pelo cordão de amor e morte. Dificilmente superada, essa trilogia de canções forma o tesouro nacional do oxímoro – das frases que se contradizem ("Baby te amo/ Nem sei se te amo") para definir uma situação existencial. A verdade é que a sombra sobrevem na obra do compositor a partir das três faixas seguintes. "Farrapo Humano", "Objeto H" e o "Forró De Janeiro" já adentram pela rota da variação sobre os primeiros temas. *Pérola Negra* é ápice e lápide estética. Ouvimos hoje o Melodia desse disco, ainda que ele cante outros e melhores blues. Todos os seus atos são e serão regidos pelo LP. Não tem por que se lamentar da reprodução do mesmo modelo. O grande artista é sempre resultado de uma cena originária. *Luís Antônio Giron*

Performance

Ano de lançamento: 1973
Direção de Produção: Guilherme Araújo
Direção de Estúdio: Sérgio M. de Carvalho
Arranjos: Perinho Albuquerque e Arthur Verocai. Direção Musical: Perinho Albuquerque
Faixas: "Estácio, Eu E Você" • "Vale Quanto Pesa" • "Estácio, Holly Estácio" • "Pra Aquietar" • "Abundantemente Morte" • "Pérola Negra" • "Magrelinha" • "Farrapo Humano" • "Objeto H" • "Forró De Janeiro".
Músicos: Regional de Canhoto: Perinho Albuquerque (violão e guitarra); Antonio Perna (piano); Hyldon (guitarra); Rubão Sabino (baixo). *Pérola Negra* foi lançado pela Philips/PolyGram. Há alguns anos, a faixa-título ganhou destaque ao virar trilha de um comercial de calça jeans. Outro grupo que viajou na música de Luiz Melodia foi o Barão Vermelho, que regravou o blues "Vale Quanto Pesa". *Pérola Negra* foi relançado este ano em CD.

slice
Breaking Boundaries

Agora com pulseira de metal.

Ati's